arquivo histórico judaico brasileiro
BOLETIM DO ARQUIVO HISTÓRICO JUDAICO BRASILEIRO
JUNHO 2011
Nº 44
ISSN1519-1109

AHJB

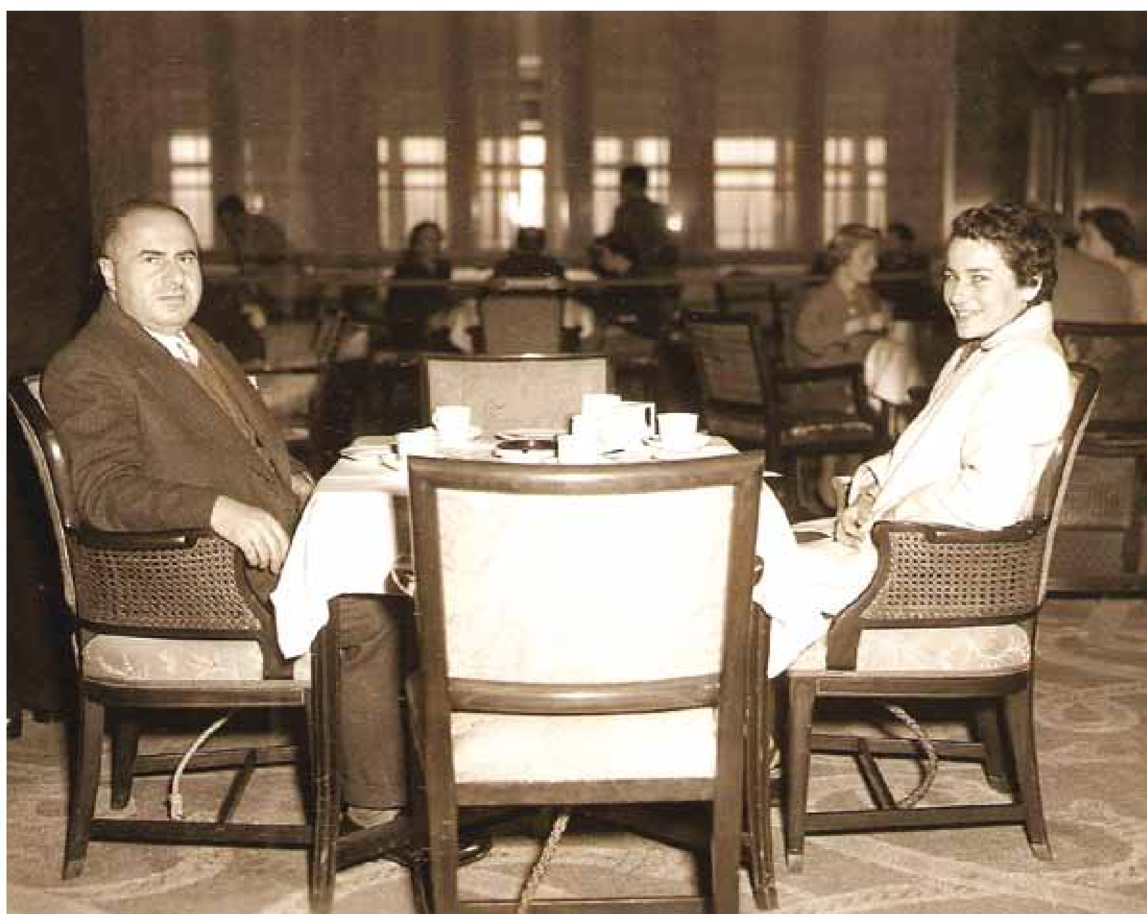
COOPERATIVA DE CRÉDITO POPULAR DO BOM RETIRO

121

Conheça O Cotidiano do “Banco Judeu” do Bom Retiro

NÓS GUARDAMOS A MEMÓRIA DA COMUNIDADE JUDAICA.

INCLUSIVE A DESTE CASAL.



Egon (1910-1981) e Frieda Wolff (1911-2008) - Historiadores (Fototeca/AHJB)

Ajude-nos a preservá-la

Patrocine nossos projetos.

CARO LEITOR

Estávamos no final de 2005. Emanoel Araujo, diretor então da Pinacoteca do Estado, recebia-me em sua sala, quando um senhor, com voz agradável postado à porta aberta, de longe, perguntou: "Com licença, posso entrar?" Era MOACYR SCLIAR, brilhante narrador de histórias, que colocou o judeu na literatura brasileira como personagem principal.

Havia lido alguns de seus livros que me tinham agradado muito, e ele já era membro da Academia Brasileira de Letras desde 2003, ano em que fora eleito. Eu não o conhecia pessoalmente. Emanoel Araujo recebeu-o dando-lhe as boas vindas com muita ênfase e apresentou-me a ele. Tivemos, os três, de imediato, uma alegre e amigável conversa sobre livros, pintura, artistas plásticos, escritores e até fofocas, como se fôssemos velhos amigos!

Scliar então perguntou-me o que eu fazia. Disse-lhe que trabalhava como voluntária no Arquivo Histórico Judaico Brasileiro e que me ocupava com a publicação da revista AHJB. Ousei então dizer que muito nos agradaria ter em nossas páginas uma matéria sua. A receptividade foi imediata: "envie-me um e-mail para me lembrar e terei prazer em atendê-la".

E assim, em memória e homenagem ao imortal MOACYR SCLIAR, reeditamos neste exemplar, à página 06 o artigo IMIGRAÇÃO E LITERATURA, matéria já publicada em nossas páginas em abril de 2006.

SEMA PETRAGNANI, EDITORA

CAPA: Foto da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro da Fototeca do AHJB.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do AHJB

A linguagem e soletração em cada artigo respeita a escolha do autor

ÍNDICE

O BOLETIM DO AHJB é enviado gratuitamente aos sócios, a instituições culturais do Brasil e do exterior, e é também distribuído aos visitantes e consulentes que o solicitam.
Lembramos aos colaboradores que este boletim possui ISSN (International Standard Serial Number), número internacional normatizado para publicações seriadas. Os artigos inéditos podem ser enviados à Redação pelo e-mail ahjb@ahjb.org.br

REDAÇÃO - EDITORA Sema Petragnani **CO-EDITOR** Paulo Valadares **REVISORAS** Suely Pfeferman e Flora Martinelli **DIAGRAMAÇÃO** Alexandra Marchesini
PROJETO GRÁFICO Ciro Girard/satelitesmg.com.br **IMPRESSÃO** Northgraph Gráfica **CONTATOS** ahjb@ahjb.org.br ou pelos telefones 11 3088-0879 / 2157.4124

Tem a presente, a finalidade de registrar o recebimento do exemplar do Boletim do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro - abril nº43 - ano 2010. Agradecemos o envio, que será de grande valia ao acervo da Biblioteca Apoio do Arquivo Histórico Estadual.
Cordialmente,
MARIA CARMEN LISITA
Arquivo Histórico Estadual de Goiás

Tatiana,
Fiquei emocionado com seu relato sobre a Bessarábia. Meu pai era de Britchon e minha mãe de uma aldeia ali por perto chamada Rujnidssa. Muito obrigado por terme enriquecido.
ZEVI GHIVELDER, jornalista - Rio de Janeiro

Recebi a revista Nº 43 e agradeço o envio.
Tanto o conteúdo como a apresentação da revista são excelentes e o texto, interessante. Mais uma vez, obrigado, e espero receber no futuro sempre a revista.
WALTER SIMONI
Holom - Israel

Não conhecia a revista do Arquivo Judaico e fiquei fascinada. São histórias de vida comoventes. As fotografias também são ótimas. Li os seus artigos e gostei muito. Acho que o Montezinos é pouco estudado aqui no Brasil, e é bem provável que a obra dele tenha tido grande repercussão no Brasil Holandês.
Devo dizer que uma das maiores emoções da minha vida foi visitar o bairro judeu em Amsterdã e a sinagoga.
Um abraço grande e agradecido!

ADRIANA ROMEIRO, professora da UFMG,
Belo Horizonte, MG.

Li alguns números do Boletim do AHJB. Encontrei neles temas que me interessam bastante. Cumprimento os responsáveis pela qualidade dos artigos e também pela apresentação. Gostaria de recebe-lo regularmente. Como faço para obter uma assinatura?

FRANCISCO FERREIRA BESSA, São Paulo - SP

Resposta: Envie um e-mail para a Secretaria do AHJB com seu nome e endereço. É suficiente.

Atividade pedagógica do AHJB na Comunidade Shalom

Em 2008, foi desenvolvida e realizada uma atividade para os alunos de Bat e Bar Mitzvá da Comunidade Shalom. Em função do sucesso, esta atividade foi solicitada novamente, sendo assim, nos dias 24 e 25 de novembro último, os alunos de Bar e Bat Mitzvá assistiram à aula desenvolvida e ministrada por Lucia Chermont, historiadora responsável pela área de educação do AHJB (sob supervisão da Diretora de Ensino Anna Rosa Campagnano Bigazzi), cujo tema foi "Os Heróis de nosso tempo". Durante a aula, foram apresentadas trajetórias de alguns importantes personagens do cenário judaico-brasileiro: Leon Feffer, Rabino Fritz Pinkuss, Egon e Frida Wolff e Wolf A. Wolf.

O material de apoio utilizado foi criteriosamente selecionado do acervo dos diversos núcleos do AHJB, como fotografias da fototeca, documentos e mapas do acervo documental, livros da biblioteca, além da transcrição do acervo do núcleo de história oral. O interesse foi geral, surgiram as mais variadas questões sobre os heróis e sobre a história da comunidade judaica brasileira, contando com um relato da formação da própria Comunidade Shalom, onde a atividade teve lugar.

DIA NACIONAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA

Em São Paulo, o Dia Nacional da Imigração Judaica, projeto de lei criado em 2009 pelo deputado federal Marcelo Zaturansky Itagiba, foi comemorado no espaço cedido pelo Clube A Hebraica, de 19/03 a 03/04.

O evento e a exposição "Imigração Judaica – Cronologia e Origens" contaram com a parceria da CONIB, representada por seu presidente Cláudio Lottenberg e pelo jornalista Jayme Spitzcovsky, da FISESP, representada pelo vice-presidente executivo Ricardo Berkiensztat, e do AHJB, por seu presidente, Mauricio Serebrinic.

A exposição organizada pelo Arquivo despertou grande interesse do público e das personalidades presentes, como Sandra Rejwan, representante do partido israelense Likud para a América Latina.



Presidente da CONIB Cláudio Lottenberg, deputado federal Marcelo Itagiba, vice presidente da FISESP Ricardo Berkiensztat e presidente do AHJB, Mauricio Serebrinic.



Deputado federal Marcelo Itagiba

PESQUISAS NA AHJB/ MESTRADOS

• Foi defendida, em 25/03/2011 no IFCH/UNICAMP, a dissertação de mestrado "Abençoados aqueles que vêm: imigração e beneficência judaica em S. Paulo (1900-1930)", de Márcio Mendes da Luz. A banca foi composta pelos professores doutores Michael McDonald Hall, Cláudio Henrique de Moraes Batalha e Roney Cytrynowicz. O pesquisador trabalhou com documentação de quatro instituições judaico-paulistanas: EZRA, Congregação Israelita Paulista (CIP), Damas Israelitas e Ofidas, toda arquivada no AHJB. A arguição feita pelos membros da banca foi firme mas elegante, e aprovado foi seu trabalho, abrindo caminho para que o recém mestre se encaminhe para o doutorado. Ele pesquisou em vários acervos do AHJB, como livros da Biblioteca, entrevistas do Núcleo de História Oral e Coleção de Periódicos, principalmente a Crônica Israelita.

• Lucy Gabrielli Bonifácio da Silva defendeu, em sua dissertação de mestrado em História, no dia 15 de outubro de 2010, na PUC - Pontifícia Universidade Católica, o tema A ESTRELA VERMELHA DE DAVI - Imigração judaica do leste europeu (São Paulo, década de 1920 e 1930).

Participaram da banca de defesa sua orientadora Profª Maria Izilda Santos de Matos, Profª Tania Soares da Silva e Roney Cytrynowicz, diretor de acervo do AHJB.

Para desenvolver sua pesquisa, consultou vários acervos do AHJB: a Biblioteca, o acervo textual de diversas instituições, como o da Associação dos Israelitas Poloneses, Cooperativa de Crédito do Bom Retiro, entrevistas do Núcleo de História Oral e fotos da Fototeca. Um exemplar de sua tese encontra-se no AHJB.

IMIGRAÇÃO E LITERATU

MOACYR SCLIAR *

A partir do século dezenove, e por boa parte do século vinte, o Brasil e outros países receberam vastos contingentes de imigrantes: alemães, italianos, eslavos. Este grande deslocamento populacional teve uma dupla motivação. De um lado, as convulsões sociais e econômicas do Velho Mundo resultaram em miséria e deslocamento social; de outro lado, os governantes latino-americanos (não apenas brasileiros) estavam interessados em receber essa mão-de-obra relativamente barata, capaz portanto de substituir os escravos, e capaz também de "branquear" países onde indígenas e negros tinham forte presença. Como dizia o intelectual argentino Juan Alberdi, "Governar é povoar".

No sul do Brasil, os imigrantes foram um elemento decisivo para o desenvolvimento econômico, tanto na agricultura minifundiária como na nascente industrialização. Boa parte da riqueza brasileira nasceu de seu trabalho. Apesar disto, a saga do imigrante sempre foi escassamente representada na cultura em geral e na literatura em particular. O primeiro romance importante sobre o tema, "Canaan", de Graça Aranha, só apareceu em começos do século vinte (e tem como cenário o Espírito Santo). A contribuição literária dos próprios imigrantes era pequena. Este fenômeno tem explicação.

Em relação à expressão literária referida à emigração, podemos distinguir três períodos ou, grosso modo, três gerações. A primeira geração é aquela que chega ao país. Sua prioridade maior é sobreviver, encontrar um lugar ao sol. Além disto, não domina o idioma do país: quando faz literatura, é ainda em seu idioma nativo, o que reduz obrigatoriamente o seu público.

A segunda geração, a geração dos filhos dos imigrantes, é que será a grande geração literária. A essa altura, as famílias já estão instaladas, já superaram o desafio da sobrevivência. Os filhos foram à escola, aprenderam a ler e a escrever corretamente. Finalmente, e este é um dos motivos principais, vivem um conflito com seus pais, um conflito que é psicológico, mas é também cultural, resultante do choque entre as muito diferentes realidades que os jovens vivem em casa e na rua. Este conflito leva-os à militância política, ou ao divã do analista, ou – uma possibilidade que não exclui as outras duas – ao texto. O exemplo dos Estados Unidos é eloquente: ali temos um Saul Bellow, um Philip Roth, uma Cyntia Ozick. Filhos de imigrantes, estes escritos ficaram marcados pelo notável domínio do idioma, o que foi também o caso de Joseph Conrad, polonês radicado na Inglaterra. São obras que chamam a atenção, não apenas pela pungência dos textos, como também pelo extraordinário domínio do idioma, um domínio de idioma que chega facilmente ao virtuosismo. É como se quisessem dizer aos antigos donos da terra e das riquezas: nós também podemos escrever no idioma de vocês.

No Brasil, apareceram recentemente um grande número de obras sobre a emigração, além de uma novela da Globo, "Terra Nostra", e de filmes como "O Quatrilho', que fizeram um grande sucesso de público. A recuperação da figura do imigrante faz parte do mergulho na História que caracteriza o cenário cultural do país (motivado, inclusive, pelos 500 anos do descobrimento) mas também pela abertura democrática que deu voz a grupos até então marginalizados.

Filho de imigrantes judeus, inscrevo-me também neste movimento. O que, para mim, foi algo natural. Desde minha infância, no bairro do Bom Fim, convivi com imigrantes que gostavam de contar histórias – o caso de meus pais. E convivi também com os livros, aos quais fui introduzido por minha mãe, professora primária e grande leitora. Mas nisto havia também uma tradição cultural. Para o judaísmo, o texto escrito é fundamental. Outras culturas deixaram monumentos grandiosos; o judaísmo antigo legou à posteridade um livro. Mas que livro? Um livro que atravessou os milênios como mensagem ética e religiosa, mas também como um conjunto de soberbas narrativas. Mais que isto, transformou-se para um grupo humano constantemente perseguido e escorraçado numa verdadeira pátria portátil. No texto, o

URA

judaísmo sobreviveu. O que explica a admiração – admiração, não, reverência – dos judeus pelos livros. Podia faltar qualquer coisa numa casa judaica, mas não podiam faltar livros.

Isto era particularmente verdade no caso dos imigrantes que chegaram ao Brasil. Em fins do século dezenove e começo do século vinte, milhares de judeus atravessaram o oceano, nos navios de imigrantes que Lasar Segall tão bem retratou. Deixavam para trás uma Europa devastada pela crise econômica, pelos conflitos étnicos e políticos, pela guerra. Iam em busca da América, aquela América que dizia, segundo os versos de Emma Lazarus gravados no pedestal da Estátua da Liberdade: "Dá-me teus exaustos, teus pobres/ tuas confusas massas que por ar livre anseiam." No Novo Mundo, que ajudaram a construir, deram uma contribuição cultural importante.

O imigrante foi, frequentemente, uma figura menosprezada; durante muito tempo a palavra "colono" teve até um sentido pejorativo, significando alguém que é ingênuo, que acredita no trabalho (quando há outras formas de enriquecer). Mas o olhar do imigrante sobre a realidade local é um olhar privilegiado, para dizer o mínimo. Porque viu muito, o imigrante tem muito a dizer. Cabe aos escritores, sobretudo àqueles que descendem de imigrantes, traduzir em palavras essa grandiosa experiência humana.



Moacyr Jayme Scliar (1937-2011), médico, professor da UFCSPA e escritor. Autor de mais de setenta títulos, alguns traduzidos para o alemão, espanhol, francês, hebraico, inglês, italiano e sueco.

Fototeca/AHJB

MIGRANTES E IMIGRANTES JUDEUS MARROQUINOS
SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO

RACHEL MIZRAHI *

Embora minoria no conjunto imigrante, os judeus que se estabeleceram em São Paulo e Rio de Janeiro a partir da primeira década do século XX, identificados pela fé e tradições milenares, diferenciavam-se pelo idioma, traços culturais e tipo físico.

Enquanto os *ashquenazim*, procedentes das comunidades judaicas da Europa Oriental, se expressavam em iídiche, os *sefaradim*, o faziam em ladino e, os judeus orientais, em árabe. Condições históricas e culturais permitiram que os judeus ibéricos se evidenciassem pelo cosmopolitismo e liberalidade, enquanto os *ashquenazim* e os judeus orientais no conservadorismo. Economicamente melhor situados, os *sefaradim*, procedentes de cidades otomanas de refúgio (Esmirna e Istambul), escolheram residir em bairros aprazíveis e residenciais de São Paulo e Rio de Janeiro. Fiéis observantes da religião e, comumente dirigidos por eminentes rabinos, os esmirlis de São Paulo conseguiram contratar o rabino Jacob Mazaltov, natural de Istambul e que prestara serviços à comunidade sefaradi de Montevidéu. O religioso marcou época na sinagoga da *Comunidade Israelita Sephardi*, inaugurada em 1929. Em cerimonial solene, trajando vestes brancas, preocupado com o entendimento das rezas, Mazaltov as interrompia para explicar seu significado aos presentes, fato que conduziu à sinagoga judeus de várias procedências, sobretudo depois da criação do Centro Recreativo Brasileiro Amadeu Toledano, o *CIBAT.*

Instalados em São Paulo a partir da primeira década do século passado, os imigrantes *sefaradim* do Oriente Médio caracterizaram-se por abrir as portas de sua sinagoga a todos que a procurassem, possivelmente inspirados pelo Profeta Isaías que pressagiou "que minha casa seja a casa de oração para todos os povos", dístico colocado na entrada do edifício da *Sinagoga Beth-El* do Rio de Janeiro.

Assim construída, a sinagoga *sefaradi* paulista recepcionou judeus a partir de 1930, procedentes da Itália, Grécia, Bulgária, antiga Iugoslávia e *ashquenazis* alemães, de linha liberal - imigrantes e refugiados em apoio diante das perseguições antissemitas, perpetradas pelo Nacional Socialismo Alemão em seus países de origem.

Descendentes dos judeus marroquinos do Norte brasileiro, que escolheram transferir-se para o Rio de Janeiro, surpreenderam-se com a antiga *União Israelita Shel Guemilut Hassadim,* sinagoga construída por imigrantes alsacianos, oficializado pelo Imperador D. Pedro II, em 1873. Entre os que se filiaram à sinagoga, estava David José Pérez, nascido em Breves, no Pará. Pérez decidira instalar-se no Rio de Janeiro, depois de completar estudos nas *yeshivot* da cidade de Tânger, cidade natal de seu pai que o acompanhara.

No Rio de Janeiro, Pérez dedicou-se à docência em escolas oficiais e particulares, chegando a emérito professor do famoso Colégio Pedro II. Depois do curso de Direito, doutorou-se em Ciências Econômicas, partindo para uma brilhante e elogiada carreira profissional e se projetando na vida cultural do Rio de Janeiro por artigos publicados em jornais da capital fluminense[1]. Em 1916, fundou "A Columna", jornal mensal escrito em português sobre assuntos judaicos e sionistas. O humanista Álvaro de Castilho era seu sócio e colaborador[2]. Os artigos desses diretores objetivavam esclarecer o público sobre o judaísmo e a história dos judeus no Brasil e outras localidades da diáspora. Em 1922, Pérez aceitou dirigir a Escola *Maguen David*, primeiro estabelecimento de ensino judaico no Rio de Janeiro, do qual surgiu o conhecido *Colégio Hebreu Brasileiro*.

1 MALVEIRA, Antonio Nunes. Achegas para uma biografia do Professor David José Pérez. Caderno nº. 3 - Colégio D. Pedro II, Rio de Janeiro, 1983. Preocupado com problemas do povo judeu, David José Pérez inscreveu-se no Primeiro Congresso Judaico Mundial onde se postulava a criação de um Estado. Em 1917, dando apoio à Declaração Balfour, Pérez traduziu e prefaciou a obra de Theodor Herzl, no Brasil.

2 Álvaro de Castilho acreditava que o "sionismo deveria fazer parte do movimento humanista". FALBEL, N. A Imprensa Judaica. Revista Morashá. CBSP, São Paulo: dezembro, 1977.

A partir dos anos 20, a *Shel Guemilut Hassadim* recepcionou as famílias dos Azulay, Bemerguis, Abecassis, Benzecry, Bensussan, Benarrosh, Zagury, Benoliel, Benchimol, Benjó, Bentes, Garson, Ezagui, Obadia e os Eshrique, migrantes judeus da Amazônia brasileira que, aos poucos, passaram a predominar nos cargos diretivos da sinagoga. Yomtob Azulay, por exemplo, chegou a presidi-la por 38 anos depois da transferência da sinagoga para Botafogo. Os marroquinos diferenciavam-se por escolaridade em Universidades européias: os irmãos Rubem David, Elias e Jacob Azulay destacaram-se na área médica (dermatologia e psicanálise), enquanto Rubem David Azulay ocupou a Presidência da Academia Brasileira de Medicina.

Dos migrantes marroquinos que se estabeleceram na sinagoga *sefaradi* de São Paulo, sob cuidados de Mendel Wolf Diesendruck, prestigioso rabino austríaco, citamos os Athias, Levy, Alves, Bensadon e os Mellul. A franca recepção *sefaradi* aos marroquinos era motivada pela lembrança dos antigos diretores, como Amadeu Toledano, judeu da Ilha de Malta, que muito batalhou pela construção da sinagoga *sefaradi* em 1929.

Do grupo dos migrantes, destacamos Eliézer Moysés, nascido na região amazônica em 1878. Na terra de origem, salientou-se por servir o batalhão da Guarda Nacional criada pelo Imperador D. Pedro II, em que atingiu patente de Coronel. Ao candidatar-se para Prefeito de Macapá, elegeu-se. Conhecido como "Major Levy", manteve-se na função pública do Território do Acre de 1932 a 1947. Em São Paulo, sua filha Rachel casou-se com Siegbert Simon, de origem alemã, que chegara a São Paulo e se mantinha na sinagoga *sefaradi* desde 1936. Formado na Alemanha, de cultura diversa, Simon adaptou-se aos costumes judaicos da esposa, trazidos da Amazônia marroquina.

O mesmo acontecera com Carlos Kertész, cujo pai era procedente da comunidade judaica húngara e a mãe, da marroquina família Mellul, nome aportuguesado para Mello. Carlos Kertész pertence à quinta geração brasileira das famílias Melul de Tânger e Aferiath de Mogador, pois seus trisavós, bisavós e avós já haviam nascido no Brasil. A família aportara no Brasil em 1824. A crise da borracha os levou a se transferirem de Belém do Pará para Fortaleza e, depois, a Recife, até decidirem fixar-se em Salvador em 1920. Seu irmão, Mário de Mello Kertész elegeu-se prefeito da cidade, em duas oportunidades, na década de 1980. Carlos Roberto de Mello Kertész, que por seis anos dirigiu a comunidade judaica da Bahia, reside hoje com a família em São Paulo e é vice-presidente do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro.

Outro emérito participante da sinagoga foi Isaac Athias que, antes de se estabelecer em São Paulo, passara por Recife onde conheceu e se casou com Amélia Dimenstein, estudante de Medicina. Parente de Elisia Sarraf Hakim, Athias associou-se, em São Paulo, a Moisés Hakim, proprietário do "Ao Moveleiro", famoso estabelecimento comercial de móveis para escritório. Athias conseguira, ainda no Norte, formar-se em Contabilidade. Sua formação religiosa foi exemplar, por ter sido aluno de Elias Israel, considerado um *Tzadic*, pela dedicação aos estudos e preocupado com o ensino das tradições judaicas às crianças judias na cidade de Belém. Era filho de Leão Israel, de prestigiosa família que negociava o látex. Seu pai lhe proporcionara esmerada educação em centros judaicos da Europa. Em busca do conhecimento, as crianças locomoviam-se em barcos através dos rios - caminhos naturais da região, percorrendo distâncias enormes para estudar, sob os cuidados de Elias Israel e sua esposa Sol, da família Mamann Bendrihen.

A religiosidade de Isaac Athias permitiu que assumisse o cargo de secretário da Congregação Sefaradi de São Paulo, na gestão de Moisés Carmona. Por falar fluentemente o português, Athias passou a liderar a comunidade que o acolhera, em órgãos administrativos judaicos como a FISESP e a CONIB em âmbito nacional.

Outro *sefaradi* de destaque foi Moisés Hakim, nascido em Esmirna, que chegou ao Rio de Janeiro em 1922, procedente do Egito, atendendo ao chamado de seu tio materno, Joseph Aliman. Em São Paulo, Moisés Hakim casou-se com Elísia Roffé Sarraf, filha de antigos moradores judeus de Belém do Pará e doadores do terreno para o cemitério ou "lugar santo" da comunidade do Norte brasileiro.

Um marroquino que se enquadrou de forma feliz entre os judeus do Oriente Médio, estabelecidos na Mooca, foi Jacques Sarraf. Ele, acompanhado da esposa Vitória Siles, eram procedentes da velha cidade de Safed. Jacques Sarraf instalou-se na sinagoga da *União Israelita Paulista,* fundada pela família de Mário Amar, da mesma origem. Poliglota, extrovertido, ousado e comunicativo, Sarraf marcou presença alegre na história dos primeiros imigrantes de fala árabe de São Paulo, residentes na Mooca. Iniciou-se como ambulante e, depois, no comércio atacadista de tecidos. Homem de religião, Sarraf foi

um conciliador dos participantes das duas sinagogas, em uma mesma rua, construídas por judeus libaneses de Sidon e de Safed, no bairro étnico da região leste de São Paulo. Sarraf mantinha contatos próximos com seus parentes, nascidos em Belém do Pará, participantes da Sinagoga da Rua Abolição.

A sinagoga *sefaradi* de São Paulo recebeu também os imigrantes marroquinos, refugiados da II Grande Guerra. Preocupados com o antissemitismo expresso pela imprensa e pelas tropas nazistas, sediadas no Norte da África, grande número de judeus de antigas comunidades buscou emigrar, pois era corrente que "os nazistas estavam preparando os fornos para os judeus do Marrocos".

Entre os que se estabeleceram em São Paulo, citamos os Laredo e os Chalom, famílias de projeção do norte africano. Descendente do rabino Aron Laredo - religioso da Região do Rif, no século XVII, Abraham Laredo, além de presidir a comunidade judaica de Tânger, era Presidente da Câmara de Comércio Internacional da expressiva cidade, tendo sido condecorado por serviços prestados com o título de *Officiel de Palme Academique*. Laredo foi também homenageado por Muhamet V, com a Ordem de Nissam Alauite.

Na cidade do Rio de Janeiro, Isaac Rubens Israel, de origem marroquina, nascido em Portugal, projetou-se nos meios de comunicação. Era filho de Rubens Israel e de Alegria Benoliel, nascida em Manaus. Casou-se com Rosa Barki, da proeminente família *sefaradi* da Trípoli Italiana. Jornalista e advogado, Rubens adquiriu projeção brasileira pelos oito anos de trabalho na BBC de Londres, sob o nome de Rubens Amaral. Braço direito do jornalista Roberto Marinho, Rubens foi o primeiro diretor da prestigiosa TV Globo.

Mais numerosos, os judeus de origem marroquina que se estabeleceram na *Shel Guemilut Hassadim* foram ,aos poucos, assumindo os quadros diretivos da antiga sinagoga. Entre as novas famílias marroquinas, citamos os Benzaquen, os Levy, os Bensussan e os Pinto. Hoje, a sinagoga é conduzida pelo Rabino Isaac Benzaquen, formado em 1968 pela Yeshivá do Rabino Chefe do Império Britânico, Chacham Dr. Salomon Gaon, de Londres. A entrada desses novos imigrantes permitiu a volta das canções com a característica musicalidade marroquina.

O texto contou com o apoio de Samuel Elis Azulay Benoliel, Presidente do Conselho *Sefaradi* do Rio de Janeiro e das irmãs Barki, Rosa B.Israel e Matilde B. Menasce.



Mary Roberta Amzalak (1854-1932), de origem marroquina, foi musa do poeta Castro Alves e viveu em São Paulo, onde deixou descendentes. Foto: Fototeca/AHJB.

A sinagoga *sefaradi* de São Paulo recebeu também aos imigrantes marroquinos, refugiados da II Grande Guerra. Preocupados com o antissemitismo expresso pela imprensa e pelas tropas nazistas, sediadas no Norte da África, grande número de judeus de antigas comunidades buscou emigrar, pois era corrente que "os nazistas estavam preparando os fornos para os judeus do Marrocos".

* A autora é historiadora e doutora em História Social (USP)

Os “Hebraicos” na Amazônia

MARIA LIBERMAN *

Chamados de “hebraicos” pela população local, os imigrantes judeus do Marrocos instalaram-se em toda a vasta extensão da Amazônia a partir das primeiras décadas do século XIX, fenômeno acentuado no “ciclo da Borracha”.

A abertura dos portos ao comércio internacional em 1808 e, posteriormente, a proclamação da Independência em 1822 atraíram variadas correntes imigratórias ao Brasil. Além desses eventos, medidas governamentais favoreceram a imigração, entre elas, a liberdade religiosa, concedida pela Constituição de 1824 que, em seu artigo 5º, estabelecia que, embora a “Religião Catholica Apostólica Romana continuasse a ser a religião do Império, todas as outras Religiões seriam permitidas no culto doméstico ou particular em casas para isso destinadas, sem forma exterior do Templo”. Pelo inciso V, do artigo 179 da mesma Constituição, “ninguém poderia ser perseguido por motivo de religião, uma vez que se respeite a do Estado e não offenda a Moral Publica”. A abertura dos portos às nações amigas e a liberdade de consciência provocaram o afluxo de profissionais de todas as crenças e categorias, entre os quais havia negociantes, artistas e artesãos. Entre os que se sentiram atraídos, estavam os judeus de origem marroquina.

O decreto que marcou a entrada dos judeus na Amazônia foi o de 12 de maio de 1838, emitido pela Assembleia Legislativa que informava que “estrangeiros cujas nações de origem não tenham tratado com o Brasil não podem ter casas ou lojas de negócios, nem podem mascatear sem licença da Câmara Municipal”. Entre os marroquinos que conseguiram esta licença, citamos Simão Benjó, Fortunato Bendelack, Anna Fortunata, Salomão Levy & Irmãos, Fortunato Cardoso, Duarte Aflalo, Judah Arrobas, Marcos Dias Cohen, Fortunato Abocaxis, Fortunato Benchetrit & Cia, Leão Serfaty, Moyses Benzimram, Fortunato Assemonth e Isaac Benchetrit & Cia.



Jacob Benzecry, Samuel Levy e Isaac Benchimol
Fototeca/AHJB

A ampliação da imigração marroquina ocorreu quando da abertura do Rio Amazonas, diante das pressões nacionais e internacionais e ao surgimento de companhias de navegação portuguesas e estrangeiras, entre as quais, as Booth Line, Red Cross Line, Hamburk Amerika Line, Hamburk Sud Amerikanishe Dampschiffharst e a italiana Lígure Brasiliana. Estas companhias faziam a ligação das cidades de Belém e Manaus e as do interior como Santarém e Óbidos a Lisboa, Açores, Barcelona, Marselha, Gênova e Tânger.

Os estrangeiros trabalhavam como mão-de-obra à exploração, não só da castanha, cacau e outros produtos florestais, mas também da borracha, no argumento de “que o Norte proporcionaria a fartura que a terra natal negava”. Foi elaborado material de propaganda oficial que favorecesse a imigração, oferecendo aos estrangeiros que aportassem no Brasil contratos, facilidades (transporte gratuito, hospedagem e alimentação) até efetivo início nos núcleos de trabalho. Muitos destes imigrantes receberam, gratuitamente, um lote de terra, divulgando que “os homens de bons costumes que desejassem melhorar de vida no presente, e assegurar um futuro, deveriam imigrar com suas famílias e amigos para o Brasil e, dentro do Brasil, ao Pará, cujos patrícios os acolheriam e ofereceriam trabalho e toda sorte de facilidades para enriquecer”.



Armazém de Moysés Ezaqui & Irmão, Itacoatiara, AM. Fototeca/AHJB

Os judeus marroquinos de Tânger, Tetuan, Fez, Rabat, Casablanca, Espanha, Argélia, Lisboa e outras cidades, radicaram-se não somente em Belém e Manaus, mas também em todo o interior amazônico como Afuá, Alenquer, Almeirim, Aveiros, Baião, Cametá, Gurupá, Itaituba, Macapá, Mazagão, Mocajuba, Monte Alegre, Óbidos, Santarém, no interior da província do Pará, e Parintins, Itacoatiara, Maué, Manacapurú, Tefé, Manicoré, e Humaitá. Nesses locais, mantiveram a tradição judaica, desempenhando papel relevante no desenvolvimento econômico da região e no intercâmbio internacional.

Antes do desenvolvimento da "hevea brasiliense", os imigrantes judeus se colocaram no trabalho de mascates fluviais – regatões, atividade típica da região que, em barcos ou canoas, percorriam os rios, parando de lugar em lugar, comprando em quantidade para vender a varejo. O marroquino transformou canoas em lojas e, pelos rios, invadindo igarapés e lagos, internou-se nas florestas virgens. Foi um aventureiro que se entranhou com vantagens nas difíceis condições da Amazônia e por isso foi um ousado desbravador, porque ampliou a fronteira econômica geográfica do Brasil à semelhança dos bandeirantes paulistas. Além de comercializar variedade de produtos de primeira necessidade, os marroquinos foram importantes agentes do desenvolvimento social. Entre os produtos comercializados estavam os medicamentos como o quinino para tratar da malária, alimentos, combustíveis e instrumentos musicais (violas, gramofones, cordas musicais). O significado do imigrante judeu se ampliou como transmissor de notícias da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro e comum mensageiro do correio, ao encaminhar cartas, recados e jornais. Em troca, esses mensageiros recebiam dos indígenas produtos naturais, as chamadas "drogas do sertão"; entre elas, a borracha.

Em pouco tempo, os regatões marroquinos criaram as Casas Aviadoras, que funcionaram como verdadeiros bancos, transformando-se, depois, em empresas de importação e exportação, suportando o ônus da extração, comércio, exportação da borracha e outros produtos florestais. Proprietários de vapores fluviais, os regatões e as Casas Aviadoras transformaram-se em exclusivo meio de comunicação entre os postos comerciais, cidades e vilas, e único centro da sistemática bancária, pela adoção do crédito.

Assim criadas, as Casas Aviadoras foram assumidas pelos estrangeiros, como a "Casa Germano Britânica", com filiais em Liverpool e Nova Iorque, e a americana de Adalbert H. Alden que, mais tarde, se ligaram às pertencentes aos marroquinos com os nomes J. Marques & Cia, F.M. Marques e J. Soares, entre outras.

Proclamada a República em 1889, os judeus marroquinos bem abrasileirados, passaram a participar da vida política regional, através das associações comerciais e da vida militar, inserindo-se na Guarda Nacional. Ligando-se à vida literária, às profissões de prestígio, como a Medicina, e atuando na Maçonaria, marcaram presença integrativa no país. O Major Eliezer Levy é exemplo dessa integração. Foi por duas vezes Prefeito de Macapá e seu filho, Moyses Eliezer Levy, elegeu-se Prefeito de Igarapé-Mirim. Outros expressivos marroquinos no Norte brasileiro foram Samuel Benchimol, prefeito de Baião; Leão Zagury, Joaquim Pazuello, oficiais da Guarda Nacional de Macapá; Abrahão Baruel, de Tabatinga, agraciado com a medalha

da Ordem das Rosas em 1875, outorgada em mãos pela Princesa Izabel, filha do Imperador. Esta homenagem foi, até então, a maior honra conferida a um cidadão pelo governo imperial. Citamos ainda o senhor Simão Nahmias, participante da Intendência de Baião, J. Benedito Cohen, na literatura, e J.J. Aben Athar, bacteriologista que, juntamente com Oswaldo Cruz, conseguiu lutar contra a Febre Amarela em Belém do Pará, fundando o Instituto Pasteur, destinado à produção da vacina anti-rábica.

É difícil avaliar o número exato de judeus marroquinos que, no século XIX, afluiu para a região amazônica. Estatísticas e tabelas oficiais apenas noticiam a entrada dos grandes contingentes (espanhóis, italianos, e portugueses), incluindo os grupos minoritários – judeus do Norte da África - no item "diversos". Como os antigos censos populacionais não especificavam a religião dos imigrantes, os registros de naturalização nos informam que, dos 470 pedidos de naturalização de judeus de várias origens, 370 eram de procedência marroquina.

No regime republicano, os judeus marroquinos oficializaram suas sinagogas (Belém e Manaus), o cemitério, suas associações beneficentes, escolas, clubes e comitês. A comunidade do Pará, a mais antiga, mantinha a casa de oração "Shaar Hashamaim" – Porta do Céu, desde 1824. A sinagoga Essel Abraham (Dedicação a Abraham) é de 1889. Desde o início, a comunidade judaica marroquina manteve as tradições e as obrigações judaicas, organizando a "Hebra le-Guemilut Hassadim" – Sociedade para Atos de Caridade - destinada ao trabalho de beneficência e caridade e ao ritual de enterros, obedecendo aos preceitos fundamentais da religião judaica.

Os judeus do Norte brasileiro fundaram dois jornais: "Haamud – A Columna", criado pelos Drs. David José Perez e Álvaro de Castilho no Rio de Janeiro, que circulou entre os anos de 1916 e 1917, e o "Kol Israel" (Voz de Israel) de Belém do Pará, que circulou entre os anos de 1918 e 1926, cujo fundador foi o Major Eliezer Levy. Os dois jornais, com textos em português, extrapolaram os limites comunitários, circulando pelas principais cidades do Brasil, chegando ao exterior, atingindo as comunidades de Portugal, Itália, Holanda, Estados Unidos e Argentina, entre outras.

A comunidade de Manaus, através do Comitê Israelita do Amazonas, fundada em 25 de junho de 1929, funcionava nos conceitos e princípios comunitários judaicos. Em 1924, antes mesmo da formação deste Comitê, foi criado o Cemitério Israelita de Manaus. No início, havia duas sinagogas: a Beith Jacob – Casa de Jacó, e a do Rebe Meyr. Depois, os dois templos se fundiram, dando origem ao Templo Israelita de Manaus, inaugurado em 1962. "A Folha Israelita" circulou na região entre os anos de 1949 a 1962. Em 1975, foi criado o clube "A Hebraica", onde funciona uma escola judaica. Com o tempo, os judeus marroquinos se dispersaram por toda a Amazônia, penetrando inclusive no Peru, formando as comunidades de Iquitos e Loreto e a cidade de Letícia na Colômbia.

Com a queda da borracha nas primeiras décadas do século XX, muitos dos descendentes dos "hebraicos" - buscando integração em outros estados - fizeram parte do conjunto dos comerciantes, industriais, profissionais liberais e políticos de diversas cidades do Brasil.

* Maria Liberman é Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, cuja tese se intitula "Judeus na Amazônia Brasileira" – séculos XIX e XX".

Este número da seção FOTOTECA, onde expomos algumas fotografias relevantes de nosso acervo, é um pouco diferente dos anteriores. Ele é a sala de entrada para um trabalho jornalístico sobre a COOPERATIVA DE CRÉDITO POPULAR DO BOM RETIRO, que publicamos aqui. São quatro entrevistas realizadas pelo Núcleo de História Oral (NHO) do AHJB, mostrando o dia-a-dia da Cooperativa na ótica de funcionários e clientes.

O tema já foi tratado academicamente em livros e tese. O historiador Nachman Falbel em *Judeus no Brasil: estudos e notas* se ocupa dela. Gilma Maria Ramos de Almeida escreveu a dissertação de mestrado "*História da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro: Primeiras incursões*", estudando o material que possuímos aqui no AHJB.

O cooperativismo de crédito surgiu na Europa, em Rochdale, Inglaterra, quando 28 artesãos desempregados se reuniram numa cooperativa em 1844. No Brasil, este sistema chegou através dos imigrantes alemães, quando o padre suíço Theodor Amsted (1851-1938) fundou a *Sparkasse Amsted*, que deu origem a uma cooperativa em Nova Petrópolis (RS) em 1902.

A Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro (nome final), conhecida também como *Laie-Spar Casse* (Caixa de Empréstimos e Poupança) foi fundada em 1928, para apoiar os imigrantes recém-chegados, e terminou os seus trabalhos em 1972. A documentação formada por livros, fichas de sócios, carimbos e fotografias, está no AHJB.



O senador e banqueiro Auro de Moura Andrade (1915-1982), sendo recebidos pelo presidente da Cooperativa, Benjamim Kulikovsky - Fototeca/AHJB



Atendimento ao público - Fototeca/AHJB



O presidente Benjamin Kulikovsky (1887-1967), o 4º (da esquerda à direita) sentado à mesa, recebe o ministro Horácio Lafer (1900 -1965). Em pé, Manoel Epstein (1910-1993). A segunda foto: Atendimento ao público. Fototeca/AHJB.

O COTIDIANO DO "BANCO JUDEU" DO BOM RETIRO

ENTREVISTADORAS: Myriam Chansky e Ilda Klajman (NHO)
TRANSCRIÇÃO: Maria Theodora da Câmara Falcão Barbosa



Como era o cotidiano da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro em São Paulo? Quem eram os seus funcionários? Qual a sua rotina bancária? Buscamos respostas a estas questões em quatro entrevistas feitas pelo Núcleo de História Oral do AHJB com funcionários e clientes desta instituição. As entrevistas completas estão no NHO, à disposição dos pesquisadores interessados.

PRONTOS PARA O TRABALHO

SAMUEL LEV (S. L.), PAULISTANO, NASCIDO EM 1936, FILHO DE POLONÊS, "PASSADOR DE ROUPAS FEITAS", E MÃE ROMENA, RESIDENTES NO BAIRRO DO BOM RETIRO À ÉPOCA. ENTROU NA COOPERATIVA AOS 17 ANOS COMO OFFICE BOY E PASSOU A FAZER SERVIÇOS INTERNOS...

NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL - Quem pedia empréstimos?

S.L. - Empréstimo basicamente quem pedia eram os *klientelchikes* (vendedores ambulantes), comerciantes pequenos e, até mesmo, acredito, pessoas que trabalhavam... que tinham outras profissões, mas que precisavam de dinheiro. Então, já sabiam que o lugar para conseguir era a cooperativa do Bom Retiro.

N.H.O - Então, me dá assim um parâmetro... Naquela época, o dinheiro, se eu não me engano era o cruzeiro, não é? O que seria um empréstimo que um *klientelchike* pedia?

S.L. - É, isso é mais difícil de... eu acredito que fosse coisa de dez mil, por aí, dez, quinze mil...

N.H.O - E essas pessoas pagavam que tipo de juros?

S.L. - Isso eu não cheguei a me inteirar, mas era um juro subsidiado, vamos dizer assim, me lembro que era mais barato, era mais barato e mais acessível que nos bancos em geral.

N.H.O - E pagava em quantas vezes?

S.L. - Pagavam em cinco, seis vezes.

N.H.O - Quem pedia empréstimo tinha que comprar cota do banco?

S.L. - Para ser associado da cooperativa tinha que fazer inicialmente uma inscrição, comprar cota.

N.H.O - Então comprava só uma vez a cota?

S.L. - Não, ia comprando à medida que os valores variavam, então comprava mais cota.

N.H.O - Você chegou a conhecer como é que era feita a reprovação de crédito?

S.L. - A aprovação...

N.H.O - Não, a reprovação.

S.L. - Bom, era na mesma hora, ou seja, eles aprovavam ou reprovavam. Então era feita uma reunião na diretoria. Geralmente estavam dois, três, quatro diretores.

N.H.O - Todos os dias? Todos os dias havia um diretor de plantão?

S.L. - Não, não eram todos os dias. Eram duas vezes por semana... havia reuniões.

N.H.O - Como é que era... Quem era o mau pagador?

S.L. - O mau pagador era alguém que não conseguia honrar as prestações, mas eu acho que havia uma certa flexibilidade.

N.H.O - Como é que você caracterizaria essa flexibilidade? Como é que era?

S.L. - Não, eu acredito o seguinte que... a pessoa que não podia pagar, ela levava o problema e se procurava fazer um remanejamento do débito ou combinar uma outra forma de pagar, mas acho que era bem raro, os não pagadores.

N.H.O - O mau pagador era raro? Tinha gente que tinha fama de mau pagador?

S.L. - É, porque havia o seguinte... além do titular que fazia o empréstimo, ele tinha que oferecer dois fiadores. Esses fiadores eram pessoas talvez um pouco melhor situadas, então acho que em último caso elas teriam que pagar por ele.

N.H.O - Esses empréstimos eram feitos só para pessoas da comunidade judaica?

S.L. - Eu acho que a grande maioria dos empréstimos sim... por causa desse problema do fiador, seria mais útil que fosse uma pessoa da coletividade.

N.H.O - Você lembra qual era a movimentação diária de pessoas?

S.L. - Havia uma razoável circulação de pessoas que vinham se inscrever, pedir empréstimo, saber se já estava aprovado, trazer as letras, assim, isso propiciava uma circulação razoável.

N.H.O - Você por acaso pegou algum momento em que a Cooperativa teve algum problema financeiro? Problema de caixa? Pegou algum momento desses?

S.L. - Não, na época que eu estive lá, não. Não chegou a ter. Gostaria de comentar que era interessante que a Cooperativa teve um papel muito relevante, porque lembro de meu pai, ele estava começando a ser *klientelchike*... e onde ele ia arranjar dinheiro? Na Cooperativa. Tinha uma tia minha que gerenciava ele, apresentava fiadores ou ele mesmo ia, por exemplo: o dono de uma venda, uma pessoa de nome Velvel Glebok tinha uma venda aqui na rua Anhaia, no Bom Retiro. Ele era um dos fiadores. Primos meus que eram... um era dentista ou era do comércio mesmo. Eles faziam essa coisa de assinar, era um pouco... era uma assinatura que envolvia um risco, mas acho que eles nunca tiveram que pagar.

N.H.O - E voltando à primeira pergunta que eu fiz, que foi: você tem idéia qual era o juro nessa época?

S.L. - Não.

N.H.O – O que sei é que eram juros camaradas.

S.L. - É. Eram menores do que os bancos em geral, principalmente para o público a que se destinava. Imagino que um cliente hoje, uma pessoa que tinha uma pequena atividade nunca chegaria ao banco e conseguiria sacar dinheiro. Lá na Cooperativa, ele tinha meios de obter alguma coisa.

N.H.O - E você sentia que existia uma solidariedade entre o cliente que procurava crédito, porque estava necessitado, e aqueles fiadores que iam assinar os papéis?

S.L. - É, geralmente eram pessoas conhecidas, pessoas que estavam melhor situadas economicamente, então... eu me lembro as pessoas que assinavam pro meu pai, não eram milionários, mas eram pessoas que estavam melhor de vida, tinham vendas, tinham outras atividades. Às vezes tinham até loja na José Paulino, mas era conhecido do meu pai e assinava.

N.H.O - Dos seus colegas que trabalharam na época com você, todos eles também foram trocando de emprego?

S.L. - Não, acho que a maioria permaneceu mais algum tempo, mas depois foram saindo.

N.H.O - Trabalhar na Cooperativa era uma boa referência para o currículo?

S.L. - Era uma boa referência. Era um ambiente bem descontraído, bem jovem. A gente não tinha uma chefia direta. Tinha o gerente geral, então a gente tinha uma vida mais ou menos.

N.H.O - Esse gerente geral era Isaac Fux?

S.L. - O Isaac Fux e o Politti.

N.H.O - Vejo em fotografias que o Arnaldo (Lev, responsável pela FOTOTECA) **me mostrou dessa época, havia funcionários e gerentes que não eram judeus?**

S.L. - Sim, o auditor da cooperativa não era judeu, uma pessoa que se chamava João da Silva, interessante, João da Silva. E uma pessoa que trabalhava com ele era o Wilson, o sobrenome eu não lembro. Os dois eram mulatos. Eles eram pessoas de bastante prestígio junto à diretoria.

N.H.O - Eles continuaram trabalhando no banco durante muitos anos?

S.L. - É, eles não eram funcionários do banco. O Wilson ainda era, mas o João da Silva era um auditor que vinha com frequência lá para dar orientação.

N.H.O - E como é...você mesmo falou que o ambiente...

S.L. - Eu acho que o mérito principal da cooperativa é que era um banco voltado para a coletividade, onde pessoas que tinham poucos recursos, mediante um bom fiador (também às vezes não era tão rico), conseguiam empréstimos para tocar sua vida. Isso era uma coisa que não existia na época. A Cooperativa teve um papel único nesse aspecto. Ela emprestava dinheiro para a coletividade e, geralmente, as prestações eram quitadas; eles obtinham esse dinheiro várias vezes.

N.H.O - Você alguma vez recorreu à Cooperativa?

S.L. - Sim. Eu até me tornei fiador. Isso que eu ia comentar. À medida que a gente ia alcançando 18 anos, o pessoal da família inscrevia a gente como adulto, como maior, e o nome da gente era usado como fiador. Eles aceitavam e, provavelmente, o outro fiador era uma pessoa de mais representatividade, como comerciante ou industrial.

N.H.O - E quando eles o inscreviam para ser fiador, você tinha que comprar uma cota?

S.L. - Tinha, tinha que comprar um certo número de cotas. Não era uma coisa muito burocrática não.

N.H.O - Você lembra para quem foi fiador?

S.L. - Pro meu pai, minha tia (risadas). Minha tia, fazia uma agitação danada. Era uma espécie de diretora financeira do meu pai, que era *klientelchike.* Então, ela já falava: "Nós vamos lá na Cooperativa, vamos sacar em nome do Moisés Guerchman que é o dentista e os fiadores vão ser o fulano e o beltrano..." E ela ia fazendo assim, girando o dinheiro deles.

N.H.O - Ela tinha atividade econômica própria?

S.L. - Não... Ela tinha uma pequena clientela, mas ela tinha uma cabeça de ministra; então, gerenciava o negócio dela. Impressionante, ela ia à minha casa, alguém estava preocupado com alguma coisa; um débito, por exemplo. Ela chegava e "nós vamos emprestar em nome do fulano, os fiadores vão ser fulano e beltrano..." e, com isso, ela resolvia o problema.

CARLOS MEYER GRINSPUN (C.M.G.), PAULISTANO, FILHO DE COMERCIANTE ("LOJA DE MÓVEIS") EM SANTANA. ENTROU NA COOPERATIVA QUANDO AINDA ERA ESTUDANTE NO COLEGIAL.

N.H.O - ...eles estavam procurando funcionário para que tipo de função?

C.M.G. - Bom, eu só exerci uma função lá. Entrei e fui trabalhar lá na seção de empréstimo. Então, eu fazia cálculo dos juros; depois tinha o chefe da seção que conferia. Daí, eu batia o borderô do empréstimo e, em seguida, eu me tornei o chefe da seção.

N.H.O - O que é o borderô?

C.M.G. - Borderô era um papel de várias vias, que a gente datilografava com todos os dados de quem pedia o empréstimo, do fiador, o valor emprestado e as condições de pagamento e os juros cobrados.

N.H.O - E quais eram as condições pra pessoa conseguir um empréstimo na cooperativa?

C.M.G. - Bom, a pessoa tinha que ter cotas ou ações assim como as que chamavam, de acordo com o valor do empréstimo; tinha que ter um número x de cotas, não sei, era uma cota para mil cruzeiros. Qualquer coisa assim, não me lembro direito. Então, tinha que comprar essas cotas. E meu pai era... fazia esses empréstimos lá, minha mãe, depois eu também emprestei dinheiro em meu nome lá, então...

N.H.O. - Você lembra qual era o juro que era cobrado nessa época?

C.M.G. - Um por cento ao mês, era Tabela Price praticamente. Até tinha uma fórmula lá pra calcular os juros, assim que eram parcelados. Não eram caros os juros, acho que não eram caros pra época, não sei. Não eram muita coisa.

N.H.O - E a proporção do custo da cota, por exemplo, de mil cruzeiros?

C.M.G. - Mil cruzeiros eu não lembro direito quantas cotas que devia ter, se era uma por mil cruzeiros. Tinha que ter uma cota por um valor x de empréstimo. Mas acho que era uma por mil cruzeiros.

N.H.O - E quem era a pessoa... quem pedia empréstimo, qual era o perfil daquele que vinha procurar o empréstimo?

C.M.G. - Ah, pessoas de classe média ou classe pobre. Pediam empréstimo e não eram valores altos que forneciam. Eles emprestavam de cinco mil a dez mil cruzeiros, pra pagar todo mês. Então, não havia grande dificuldade.

N.H.O - E quantas pessoas por dia pediam empréstimo, tinha grande movimento?

C.M.G. - Tinha. Calculava-se que, por dia, mexíamos com vinte, trinta borderôs. Cada borderô era um empréstimo.

N.H.O - E quem é que aprovava esses empréstimos?

C.M.G. - Então... o sujeito ia lá e fazia um pedido de empréstimo.Tinha uma reunião de diretoria semanal, se não me engano, que era dirigida pelo Benjamin Kulikovsky que era o presidente, e os diretores; e eram eles que aprovavam o empréstimo. Às vezes não davam o valor pedido, davam menos, ou se tinha alguma coisa contra, não emprestavam porque tinham um serviço de informações.

Tinha um funcionário que trabalhava como informante, que ia atrás pra saber quem eram os fiadores e quem era o indivíduo que pedia o empréstimo. Se tivesse protesto ou outras coisas que... não emprestavam. Era feito um cadastro.

N.H.O - E existia uma proporção grande de pessoas a quem era negado o crédito?

C.M.G. - Não, a maioria dos pedidos acho que eram aprovados. Raramente eles negavam. Era o pessoal da colônia, que morava no Bom Retiro, a maioria, ou outros bairros. Gente simples, mas gente assim... pagava. Não havia problema.

N.H.O - A figura do mau pagador era uma coisa rara?

C.M.G. - Eu não mexia com essa parte, não sabia quem pagava ou quem não pagava. Eu só fornecia o empréstimo, mas acredito que pagavam todos, porque sempre eles pediam empréstimos novamente. Terminava um empréstimo, já pediam outro empréstimo. Eram os pequenos comerciantes que pediam esses empréstimos. E tinha também uma parte do Joint.

N.H.O - Então, eram pessoas recém chegadas. Judeus recém-chegados, como imigrantes... De onde?

C.M.G. - Eles vinham da Europa, de outros países. Mas eram pessoas que estavam chegando e que tinham necessidade de obter empréstimo. Inclusive acho que nem cobravam juros, dessas pessoas... Empréstimo... constava Joint, acho que a gente não cobrava juros, não me lembro direito, mas acho que era isso.

N.H.O - Essas pessoas quando chegavam, não falavam português...

C.M.G. - Eu não atendia o público, isso eu não sei. Eu ficava na parte de cima, só na parte de confecção do borderô, eu conferia o borderô e assinava.

N.H.O - Você falou alguma coisa sobre o Benjamin Kulikovsky. Você o conheceu pessoalmente?

C.M.G. - Conheci, ele ia todo dia lá à Cooperativa. Chegava de manhã e ficava lá de manhã e à tarde. Atendia as pessoas que vinham procurá-lo. Era um homem alto, forte, bem vestido, com terno, com a gravatinha borboleta. Era uma pessoa de idade...

N.H.O - E ele era uma pessoa muito conhecida lá no Bom Retiro?

C.M.G. - Ah sim, devia ser, porque tinha comércio lá. Na Zé Paulino.

N.H.O - É? Do quê?

C.M.G. - Confecção de roupas. Acho que meu pai, até quando tinha loja no interior, comprava deles lá, da confecção deles lá, roupas..

N.H.O - Você se lembra qual era o seu salário lá na Cooperativa?

C.M.G. - Não era muito bom.

N.H.O - Só pra saber. Não tem...



C.M.G. - Ah, não me lembro. Quando eu entrei lá, eu me lembro que eu ganhava um salário mínimo. Eu não lembro nem quanto era esse salário. Depois, vieram logo os aumentos, porque eu me tornei chefe. E eu não fiz carreira lá porque eu saí depois de dois anos.

N.H.O - Você ficou chefe logo, pelo que você está me contando.

C.M.G. - É, foi logo, foi logo. Porque as pessoas que trabalhavam lá que eram os chefes saíram também. E aí me colocaram. Então, trabalhávamos em três pessoas, nessa seção de empréstimo. O chefe e mais dois funcionários que calculavam tudo e datilografavam os borderôs.

BERTHA LITVAC (B.L.), PAULISTANA, FILHA DE PAI RUSSO, VINDO DE ISTAMBUL, E MÃE POLONESA. RESIDIA NO BOM RETIRO. ENTROU NA COOPERATIVA AOS 14 ANOS.

N.H.O. - E qual foi o seu primeiro trabalho? Qual era a sua função?

B.L. - No escritório, no escritório em geral, né, eu passei por diversos setores, né. E depois eu fui trabalhar com seu Benjamim Kulikovsky; fui secretária dele e, depois, eu passei pro caixa. Nos últimos tempos, eu trabalhava na caixa.

N.H.O. - E, depois, quando você deixou de fazer, vamos dizer, serviços gerais, você trabalhou em alguma outra seção, assim, específica?

B.L. - Específica, não. Eram os mesmos serviços gerais mesmo, que eram divididos. Porque tinha várias seções. Tinha as seções de empréstimo, tinha a seção de... daí, o pessoal pedia empréstimo... então, era dividido em nota promissória. Eles assinavam a nota promissória, dividindo o valor do empréstimo pra pagar mensalmente. E a gente fazia os avisinhos de... hoje em dia chamam-se boletos... que mandavam pra casa das pessoas, com o dia do pagamento, com a ordem... e eram várias vias, que eram anexadas em cada promissória. Tinha os arquivos. E quando a pessoa pagava, uma era ficha de caixa, outra ia pro arquivo, pra dar baixa, e assim por diante...

N.H.O. - E quem eram as pessoas que aprovavam o empréstimo?

B.L. - Era a diretoria. Tinha reuniões dirigidas pelo presidente, que era o Sr. Benjamin Kulikovsky, o vice-presidente era o Manoel Epstein, e vários diretores. E tinha reuniões... semanais... Então esses pedidos eram analisados e eles tinham que ter avalistas.

N.H.O. - Você se lembra de outros diretores que trabalharam durante esses dez anos? Fale alguns nomes...

B.L. - Alguns... Como eu já citei, o presidente era o Benjamim Kulikovsky, o vice-presidente e tesoureiro era o Sr. Manoel Epstein, depois tinha os outros diretores. Eu lembro de Guilherme Krasilchik, Carol Goldenstein, Guilherme... Carol... Abram Idel Portnoy; esses são os que eu acho, quem mais – ah – o senhor Marcos Zaitz.

N.H.O. - E essas pessoas reuniam-se uma vez por semana para aprovar os empréstimos? Ou...

B.L. - Pra aprovar os empréstimos, mas eles tinham plantões diários lá. O presidente vinha todos os dias.

N.H.O. - Como é que era o presidente, o Sr. Benjamin Kulikovsky, que já foi muito homenageado...?

B.L. - Foi. Ele era uma pessoa influente na sociedade, né, judaica. Ele também presidiu a Ezra, que hoje é a Unibes, né. Ele também, ele fazia esses dois trabalhos paralelos e ele tinha uma loja na José Paulino. Confecções, roupas feitas, não lembro direito, mas ele era uma pessoa que se dedicava à sociedade daquele tempo.

N.H.O. - E havia muitas funcionárias na cooperativa?

B.L. - A maioria. A maioria, mulheres.

N.H.O. - Mas nenhuma era diretora, não é?

B.L. - Não, não. Eram só funcionárias. Não houve nenhuma mulher diretora, não.

N.H.O. - Conte pra nós o nome de algumas das suas colegas.

B.L. - A Fanny Morgenstern, teve a Betty Uberman, de solteira ela era Kus, família Kus. O irmão dela era até atuante, né, ele é... me esqueci o nome dele... é o Maurício Kus, exatamente. Ele trabalhou muito tempo com... no setor de cinema, né. E... quem mais...?

N.H.O. - Bom, naquele tempo não existia computador, não existia impressora... mal existia telefone, não é? Então conte como é que era o trabalho no dia a dia? Quando chegava alguém pra pedir um empréstimo...

B.L. - Daí, ele se dirigia à seção que tinha uma pessoa que preenchia seus dados. Preenchia os dados e dizia quanto ele pretendia pedir de empréstimo. Acho que o máximo que poderia obter era o pagamento em dez vezes. E, daí, esses pedidos passavam pela seção competente que os encaminhava pra essas reuniões de diretoria, que aprovava os empréstimos. Havia outras seções, tinha seções de tesouraria. O tesoureiro era o Seu Isaac Fux, né... e tinha contabilidade. Mas era tudo manual, mesmo as máquinas da caixa, que eram aquelas máquinas de alavanca em que a gente fazia as continhas. Era muito rudimentar.

N.H.O. - Como era a procura das pessoas? Era muito cheia essa cooperativa?

B.L. - Era, era. A procura era grande. Eles trabalhavam em sistema de banco mesmo. Tinha a seção de conta corrente, em que o pessoal fazia os seus depósitos e dava seus cheques em pagamentos. Mas essa Cooperativa, ela não tinha compensação. Então, quando acontecia de alguém fazer algum pagamento em algum outro banco, que geralmente eram bancos lá da 15 de Novembro, do centro da cidade, eles ligavam pra tesouraria e davam o número do cheque e a conta e o nome da pessoa. Daí, tinha um funcionário que era, inclusive, meu futuro marido (Salomão), que eu conheci ele lá; era ele que efetuava os pagamentos. E ele ia com uma mala, com o dinheiro; a gente já fazia as contas. É, via se a pessoa tinha saldo e ia resgatar esses cheques nos bancos. Ele tomava o ônibus 70, com uma mala de dinheiro, ia pra 15 de Novembro percorrer os bancos que foram solicitados, e ele fazia o pagamento. Interessante.

N.H.O. - E os diretores, como o Sr. Benjamin, Manoel Epstein, Abram Idel Portnoy, eles recebiam algum salário, alguma compensação?



HOMENAGEM

ao

PRESIDENTE

Benjamin

BAR JACOB

B.L. - Não, não.

N.H.O. - Era um trabalho voluntário?

B.L. - Era um trabalho voluntário, voluntário.

N.H.O. - Então... Você que trabalhou no caixa, você ia conferir as assinaturas?

B.L. - Não, já vinha pra mim tudo conferido. Passado na assinatura e na conta corrente. Tinha o carimbo da

O QUE É COOPERATIVISMO?

"(...) *Existe um importante segmento do Sistema Financeiro Nacional que auxilia na função creditícia do país que são as Cooperativas de Crédito. Elas são constituídas sob a forma de sociedade cooperativa, com o objetivo de prestar serviços financeiros aos associados, a exemplo de concessão de crédito, captação de depósitos, recebimento e pagamentos por conta de terceiros sob convênio com instituições financeiras e correspondentes no país.*

As estatísticas existentes na base de dados do Banco Central demonstram que tem ocorrido uma diminuição nas cooperativas do Brasil. Em 2007, tínhamos 1.465, e o número foi declinando a cada ano; 1.453 em 2008, 1.405 em 2009, 1.370 em 2010 e, em janeiro de 2001, temos 1.356. O estado que possui mais cooperativas de crédito é S. Paulo, com 293 unidades e, depois, temos Minas Gerais com 214, Rio Grande do Sul com 137, Paraná com 134 e Santa Catarina com 126; juntos, estes estados respondem por 2/3 das cooperativas de crédito do país (...)" – SAUMÍNEO DA SILVA NASCIMENTO/ presidente do Banco do Estado de Sergipe, **Brasil Econômico**, 11,12,13 de março de 2011, p.8.



À mesa, o rabino David Valt (1911-1987) tendo, ao lado, o presidente Kulikovsky, numa campanha de educação financeira. Fototeca/AHJB.

chefe, de cada chefe de seção, com a sua assinatura, autorizando o pagamento. Eles entregavam um cheque no balcão, na seção de conta corrente, e era passado na conta corrente e na assinatura. Só daí vinha pro caixa efetuar o pagamento.

N.H.O. - Não havia problema...?

B.L. - Porta aberta, entrava... Tinha uma pessoa, assim, que poderia ser um guarda, mas não era guarda como hoje se vê no banco. Era um particular, que ficava ali... fazendo uma ronda, olhando, mas nada ostensivo.

N.H.O. - Nesses dez anos que você trabalhou lá, houve alguma vez algum problema de assalto, de... qualquer coisa assim estranha?

B.L. - Não.

N.H.O. - E, agora, diga outra coisa: você deixou de trabalhar em 1961. Conte-nos como é que aconteceu isso?

B.L. - É que eu casei. E a política de lá não permitia mulheres casadas. Então a funcionária que ia casar, ela já nem pedia demissão, nada. E sabia que não ia continuar trabalhando.

N.H.O. - E como é que foi no seu caso?

B.L. - No meu caso foi o seguinte: eu casei, fui pra lua de mel, quando eu voltei, minha mãe falou "*Chegou um telegrama da cooperativa*". E eu me apresentei, era minha demissão, eles estavam me demitindo... me pagaram direitinho. Eles pagavam a indenização, mas eles não permitiam mulheres casadas... todas que chegavam no casamento sabiam que iam ser demitidas. Teve algumas amigas que trabalharam um certo tempo e depois foram pra outros bancos. Porque também, no Bom Retiro, depois começaram a se instalar vários bancos, agências bancárias... Tinha o Crédito Real de Minas, tinha o... Cruzeiro do Sul, Banco Cruzeiro do Sul, Banco Noroeste, que nem existe mais. Geralmente, muitas funcionárias que passaram pela Cooperativa, depois iam para esses outros bancos, não é?

N.H.O. – E como é que era esse imóvel? Como é que era o andar térreo? O andar superior?

B.L. - Então, o andar térreo, é onde estavam as caixas e algumas partes de escritório. E tinha também a sala da diretoria, mais pro fundo. No andar superior, se localizavam as outras várias seções internas de... contabilidade... todas as seções que não tinha diretamente contato com o público. Nas seções do andar térreo, era onde as pessoas tinham contato com o público.

N.H.O. - E me fale uma coisa: todos os funcionários do banco eram judeus?

B.L. - Não. As meninas, no começo quando eu entrei, a maioria era. Mas, também, tinha meninas católicas e de outras religiões. Depois, eles começaram a admitir rapazes também. Depois, ficou, mais ou menos, meio a meio. Porque as meninas geralmente trabalhavam, casavam e saíam. Agora, os rapazes podiam ficar depois de casados.

N.H.O. - E havia funcionários não judeus que tiveram posições mais importantes?

B.L. – Tinha.

N.H.O. - Quem?

B.L. - Que eu lembro, o contador, que era o Sr. Wilson, não estou lembrada do sobrenome dele, era o superior da contabilidade, tinha os funcionários com ele, mas ele que... E tinha também o senhor João da Silva, que era auditor. Ele era o principal mesmo. Todos deviam passar por uma entrevista com ele. Só depois eram contratados.. E, como em todo setor hoje em dia, eles também buscavam, em outros bancos ou escritórios, pessoas de nível melhor pra exercer certas funções.

MUSEU DA PESSOA - O que é que o senhor imaginava na época, para o futuro?

ABRAM SZAJMAN, fundador do Grupo VR – (...) Então eu abri uma caderneta de poupança que não era poupança, mas caderneta de conta corrente lá que, nessa Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, eu fui juntando dinheiro (...)".

http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/hmdepoente/depoimentoDepoente.do?action=ver&idDepoenteHome=3995

N.H.O. - E voltando um pouco, você não quer contar como é que era o projeto que a Cooperativa fez de distribuir cofrinhos para as crianças das escolas judaicas, para fazerem uma caderneta de poupança?

B.L. - É, era um tipo de poupança, que eles... eu não lembro exatamente como era a distribuição. Mas lembro que, inclusive, eu tive um cofrinho daqueles. Era um tipo de poupança, porque a gente juntava as moedinhas e tinha um lugar redondinho pra por as notas também. E quando a gente percebia que estava cheio, o cofrinho, ia lá, eles abriam, era contado o dinheiro e posto nessa caderneta de poupança, que a gente chamava de "cadernetinha".

N.H.O. - Ter essa cadernetinha no Bom Retiro era algo disseminado?

B.L. - Como assim? Eu acho que não. Acho que era um serviço como outro qualquer. A pessoa chegava lá e pedia, solicitava e era preenchido um formulário e a pessoa levava o cofrinho. E geralmente, tenho lembrança, eram os avós mais que levavam pros netinhos, pros filhos pra poupar. Mas... também se podia quando se precisava do dinheiro... como uma poupança qualquer. Tinha os juros, que eram calculados e você ia lá e solicitava a retirada. Chamavam de retirada.

N.H.O. - É, hoje em dia, tudo é diferente no sistema bancário...

B.L. – Bem, como ficou, mais ou menos uns dez anos depois que eu saí, eu não tenho idéia. Teve funcionários que ficaram até o fim. Teve um... eu conheço ele, o Marcel, Marcel Amar. Tenho lembrança que ele deve ter ficado até o fim. Ele veio de Tânger, e começou a trabalhar também... um rapaz novo.

N.H.O. - Mais ou menos, em que ano foi isso?

B.L. - Ele veio substituir... quando ele entrou lá, ele substituiu o Salomão.

N.H.O. - Aaah, sim! Então ele...

B.L. - Quando ele saiu, ele foi trabalhar... ele substituiu ele e depois também, ele passou por vários... esquemas lá. Várias seções. Eu acho que o Marcel ficou até o fim. Que ele era casado com a Rosa Gleizer, que ela também foi funcionária de lá. Ela também trabalhou no caixa. E quando eles casaram que foi no mesmo ano do que eu, ela também foi convidada a se retirar e ele continuou. E ele também... eu acho... uma lembrança que o Marcel ficou acho até o inventário, viu. Não tenho certeza, mas eu acho que ele ficou.

CARLOS ALTMAN (C. A.), PAULISTANO, NASCIDO EM 1932, FILHO DE POLONÊS, "DONO DE UMA PEQUENA CONFECÇÃO", RESIDENTES NO BAIRRO DO BOM RETIRO À ÉPOCA.

N.H.O - Como é que foi seu primeiro contato com a Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro?

C.A. - Eu tinha essa loja na Rua Oriente e estava precisando de dinheiro, de um empréstimo. Então eu fui fazê-lo, não lembro direito quanto que era, me parece que corresponderia mais ou menos, no dinheiro de hoje, a uns R$ 2.000,00. Era pago de uma vez só, mas o prazo acho que era 90 dias.

N.H.O - E quem era seu fiador?

C.A. - Um amigo. Ele se chamava Jacó Feldman.

N.H.O - E era difícil conseguir esse crédito?

C.A. - Não, precisava de mais de um fiador, dois fiadores. Mas eu nunca precisei de mais de um fiador. Depois de vários empréstimos... em cada empréstimo eles

descontavam uma pequena porcentagem para comprar ações...

N.H.O - Eram cotas... cotas.

C.A. - Era também acionista da Cooperativa. Eu fiz vários empréstimos. Depois fui fiador de vários empréstimos também. Eu tenho a impressão que foi uma das pequenas... das primeiras organizações a fazer micro crédito. Coisa que está na moda hoje, e que eles lançaram naquela época. E havia uma coisa interessante que é, no começo, uma porção de judeus vindos da guerra, sobreviventes da guerra, vieram e se apoiaram muito nos empréstimos da Cooperativa. Mas, mais tarde, a Cooperativa começou a emprestar dinheiro também pra não judeus. Foi aberta ao público em geral. Então, havia uma porção de pessoas que se utilizavam da Cooperativa. Davam cheques (...) da cooperativa como garantia. Um monte de coisas assim.

N.H.O - No geral, como é que era o procedimento para conseguir o empréstimo do tipo assim de Cr$ 2.000,00?

C.A. - Era o seguinte: tinha um lugar pra falar, a recepção. Você pedia, dava os dados, fazia um cadastro, pedia o empréstimo e, depois de alguns dias ,você podia buscar o resultado. Então, você dava o nome do fiador, etc e tal, eles te entregavam uma letra, a coisa do empréstimo e você pegava a assinatura dos fiadores, entregava e eles creditavam na sua conta.

N.H.O - Relativamente simples, não é?

C.A. - Muito simples. Simples, rápido e sem muita burocracia.

N.H.O - Fora essas cotas que era obrigatório comprar, também existia juros?

C.A. - Sim, juros, eu tenho a impressão que os juros eram os mais baratos do mercado. Eu tenho a impressão de que eles cobravam um por cento ao mês,... um por cento ao mês, isso. Hoje seria caro, mas naquela época...

N.H.O - Ainda seria bom...

C.A. - Os juros de banco eram de mais ou menos dois e meio a quatro por cento.

N.H.O - E o senhor conhecia muitas pessoas que recorriam a esse empréstimo da Cooperativa?

C.A. - Sim, sim, muitas. Não sei agora quantas não, mas muitas, muitas que dependiam, tinham um capital de giro que era emprestado da Cooperativa. Geralmente, pessoas que vendiam... *klientelchikes*, que compravam mercadoria e vendiam à prestação.. então eles usavam muito esse crédito da Cooperativa.

FUNDADORES DA COOPERATIVA

Nº	SÓCIO	AÇÕES	VALORES
01	Moysés da Costa	01	50,00
02	Moysés Pen	01	50,00
03	Henrique Timoner	01	50,00
04	Josef Bekin (ou Zukin)	01	50,00
05	Abrão Zalkin	02	100,00
06	Salomão Teperman	06	300,00
07	José Kauffman (pai da Srª Guita Mindlin)	06	300,00
08	José Barmak	02	100,00
09	Benjamin Kulikovsky	01	50,00
10	Bernardo Smaletz	01	50,00
11	João Krasilchik	01	50,00
12	Samuel Schulman	02	100,00
13	Bernardo Serson	01	50,00
14	Marcos Frankenthal	02	100,00
15	Max Schwartz	02	100,00
16	Israel Tamposoy (sic)	01	50,00
17	Abrão Milstein	02	100,00
18	Abrão Duquelsky (sic)	01	50,00
19	Moysés Wainer, professor	01	50,00
20	Jayme Himmelfarb	02	100,00
21	Bernardo Krivkin	02	100,00
22	A. Levenson	01	50,00
23	Gregório Seltzer	01	50,00
24	Francisco Teperman	10	500,00
25	Maurício Zaitz	02	100,00

FONTE: Macedo, Gilma Maria Ramos de Almeida. História da Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro: Primeiras incursões – FFLCH-USP (2005), p. 57.

A canção iídiche: um olhar retrospectivo

ABRAHÃO GITELMAN *

A canção iídiche está viva e ainda empolga. Então, justifica-se falar um pouco dela. Entretanto, diante de um universo de centenas de canções, versando sobre os mais variados assuntos e representando muitos séculos da vida de um povo, o que e quanto se poderia dizer? Abordaremos esse tema tão abrangente, em 5 pequenos capítulos, independentes, mas muito relacionados entre si, enfatizando as letras das canções.

E quanto à música? Até o início do século XX, aceitava-se a idéia de que a "música iídiche" era influenciada pela liturgia (no modo *asquenazí*), pelos *nigunim* (entonações sem palavras do Chassidismo) e pelas raízes populares dos povos do leste europeu (incluindo os ciganos). Com a intensa emigração dos judeus daquela região, começou a notar-se uma tendência ao universalismo. Foge, porém, ao escopo deste trabalho, o aprofundamento no aspecto musical, que é muito técnico. Isto deverá ficar para especialistas.

I-PESQUISA FOLCLÓRICA

O povo judeu sempre cantou. Na Antiguidade, canções seculares, falando de guerra, amor ou mesmo vinho, tentaram timidamente florescer, mas houve oposição de líderes religiosos e profetas. Como diz o musicólogo A. Z. Idelsohn, a canção popular e a própria vida judaica permaneceram sempre à sombra da religião e da ética.

Da Idade Média, há registros de canções em hebraico, sobre *Shabat (zemirot)* e festividades (*Pessach*, *Chanucá*, *Purim*, *Shavuot*). Também falam do profeta Elias, de casamentos e *Brit-Milá*. Estão igualmente documentadas canções em outras línguas criadas pelos judeus, como o *ivri-taitch* (o iídiche da Alemanha usado até o final do século XVIII, também chamado de iídiche ocidental). Elas ainda têm conteúdo religioso pronunciado e foram escritas para as mesmas ocasiões especiais.

É entretanto em iídiche, falado pelos judeus da Europa Oriental, que encontramos canções seculares simples e curtas, mostrando amplamente os sentimentos do povo. Canções de amor, de humor, de tristeza, do dia a dia (considerações semelhantes poderão ser feitas para outra importante língua criada pelos judeus na Diáspora, o ladino).

O iídiche é chamado carinhosamente de *mame-lushn*. Traduz-se por língua materna. É mais do que isso. *Mame-lushn* é também a língua da mãe, das mães, das nossas avós, da mulher judia. Era nessa língua que ela podia expressar-se, ler e cantar, uma vez que o mundo da erudição, em hebraico, estava reservado aos homens. O iídiche foi o canal por excelência em que a mulher judia pôde expressar seus sentimentos, como garota sonhadora, como mulher casada e como mãe. Por isso é que encontramos tantas canções de ninar em iídiche. Da mesma forma, há canções apaixonadas e lamentos de jovens esposas decepcionadas com maridos que não sabiam ganhar a vida e com sogras com quem tinham que conviver.

Canções de homens, também: canções dos cantonistas (jovens judeus obrigados a servir por 25 anos no exército do Czar), canções da pobreza, da orfandade, dos *pogroms*, da emigração, dos *sweat-shops*[1] da América. Mas nem tudo era tristeza: havia as ocasiões festivas e os hinos das diversas facções dos movimentos socialistas e sionistas.

A grande maioria das canções é anônima e sem data. O povo as cantava e eram transmitidas oralmente. No início do século XX, pesquisadores puseram-se a campo, em busca do tesouro que se percebeu ter nas mãos, pois o material era o retrato fiel da vida de milhões de judeus. A pesquisa foi feita por "coletores" de canções, que percorriam os *shtetlech* e comunidades, pedindo para as pessoas cantarem o que conheciam, enquanto eles anotavam ou gravavam letras e músicas. Sobre as épocas das composições, podia-se, quando muito, presumí-las por algumas pistas como estilo, temas, expressões arcaicas, entre outras.

As investigações devem-se a vários pesquisadores:

1-Marek e Ginzburg publicaram sua coleção em 1903, traduzindo para o russo cerca de 50 canções. Tiveram o mérito de despertar o interesse de jovens judeus que estudavam no Conservatório de São Petersburgo e contaram com o incentivo de um mestre como Rimsky-Korsakoff (sempre a favor de todos os nacionalismos musicais), para aproveitamento temático em peças eruditas. Com essa finalidade, foi fundada, em 1908, a Sociedade de Música Popular Judaica, em São Petersburgo



"Coletor" de uma Expedição An-Ski realizando seu trabalho. Note o gravador (sistema de rolo).

e, depois, em Moscou. Ela durou somente até 1917, mas alguns de seus membros, como Salomon Rosowsky (1878-1962), Joseph Achron (1886-1943) e Joel Engel (1868-1927), sempre que puderam, procuraram trabalhar a música folclórica judaica, trazendo-a para as salas de concerto.

2-A partir de Yehuda Leib Cahan, inicia-se o interesse global pelas letras e música. Nascido em Vilna (1881-1937), ele veio muito jovem para a América, via Londres, onde havia permanecido por 3 anos. Embora ganhasse a vida como relojoeiro, já era nítida a sua aptidão de folclorista, provocada ainda na Europa, por contatos com o escritor I. L. Peretz. Cahan dedicou todo o seu tempo livre para entrevistar outros imigrantes, recolhendo contos e canções, que passavam de geração em geração. Suas primeiras coleções de canções foram publicadas em 1912 e reeditadas em 1920. Com a criação do YIVO[2], voltou a Vilna, assumindo a direção das pesquisas de folclore. Após alguns anos, já tendo retornado à América, deixou instruções para seus discípulos continuarem as buscas nas cidadezinhas mais remotas, onde ainda havia chance de encontrar material inédito. Sua morte prematura, bem como o Holocausto, impediram a edição dos seis volumes que havia planejado. Grande parte do material coletado perdeu-se, mas nos anos 50, o YIVO publicou sua obra em dois livros: "Shtudies vegn Idishn Folks-Shafung" (N.Y.-1952) e "Idishe Folkslider mit Melodies" (N.Y.-1957), este último com 550 canções, muitas delas reproduzidas das primeiras coleções. Os trabalhos de editoração couberam a Max Weinreich (1894-1969) considerado a maior autoridade na língua ídiche no século XX - e consagraram o esforço da vida de Y. L. Cahan.

3- An-Ski (pseudônimo de Solomon Rappaport, 1863-

1920), realizou suas expedições entre os anos 1912 e 1914 nas províncias ucranianas da Podólia e da Volhínia. A sua famosa peça teatral, "Der Dibuk", foi escrita com base numa história recolhida naquela ocasião. O compositor Joel Engel participou de algumas destas expedições e, no início dos anos vinte, a convite do teatro Ha-Bima de Moscou que estava encenando a peça, elaborou uma suíte orquestral homônima[3].

4- Menachem Kipnis (1878-1942) e sua mulher Zmirah Zeligfeld eram cantores e procuravam aumentar seu repertório. Kipnis foi também um conceituado jornalista e um estudioso, o que valorizou sobremaneira suas pesquisas. Elas foram publicadas em dois livros: "60 Idishe Folks-Lider" (Varsóvia 1918) e "80 Folks-Lider" (Varsóvia-1925). Sabe-se que, quando ele morreu no Gueto[4] de Varsóvia, Zmirah preservou os manuscritos com o material coletado nos últimos 15 anos de suas vidas e que não chegou a ser publicado. Os manuscritos se perderam quando ela foi enviada, ainda em 1942, para o campo de extermínio de Treblinka.

A edição que temos em mãos, "100 Folks-Lider" (Buenos Aires -1949), é uma compilação dos dois livros anteriores. O editor Mark Turkow agrupou estas 100 (na realidade 104) canções, de forma temática. Transcrevemos a classificação, conservando a nomenclatura:

I lírico-românticas: 29
II do dia a dia (dificuldades econômicas): 10
III do dia a dia (outros aspectos): 7
IV religiosas, Chassídicas, *misnágdicas*[5], filosóficas: 7
V sentimento e humor judaicos: 27
VI para cantar e brindar à mesa: 8
VII judaico-gentias (*idish-goishe lider*): 11
VIII da marginalidade (*gass un ganovim lider*): 5

Exemplos:

• "Di Drai Naitorns" (As três costureiras) [Kipnis, cap. II, p. 101] - Célebre poema de Peretz, denunciando a situação social profundamente injusta do operariado judaico. A partir da base melódica do folclore, o compositor Moishe Shneur (1885-1942), realizou um arranjo que se tornou clássico (Ver Isaschar Fater- "Idishe Muzik in Poiln Tsvishn Beide Velt-Milchomes" - Tel Aviv- 1970, p. V e 224).

• "Meirke main Zun" (Pequeno Meir, meu filho) [Kipnis, cap. IV, p. 134]- letra atribuida ao rabino Levi Itzhak de Berditchev (1740-1809), um dos maiores nomes do Hassidismo: os valores básicos do Judaísmo expressos num diálogo de pai e filho.

• "Ioshke Fort Avek" (Ioshke parte para longe) [Kipnis, cap. V, p. 166]: refere-se ao já citado serviço militar no reinado de Nicolau I (1825-1855), em que meninos judeus eram literalmente raptados. Animada canção com letra bem humorada, embora sobre uma situação trágica.

• "Her Nor, Du, Shein Meidele" (Ouça, linda menina) [Cahan, 1957, nº 78, p.90]. Uma situação comum para os jovens judeus na virada do séc. XX: rapaz prepara-se para partir para a América, não tendo idéia dos percalços que o esperam. Sua amada insiste em acompanhá-lo. Ela não se importará de passar necessidades, desde que seja ao seu lado. Esta belíssima canção foi arranjada para dueto, pelo maestro Israel Faiwishis (1887-1942) [Fater, p. LXIII e 179].

II - MÚSICA E LITERATURA

Com o desenvolvimento da literatura ídiche a um nivel muito alto, quer na prosa quer na poesia, a utilização desta última nas letras tornou-se inevitável. Assim, encontramos escritos de Melech Ravitch, M. L. Halpern, A. Liessin, Mani Leib, e tantos outros numa sucessão de obras primas. Estas letras foram acopladas à música do folclore (ver capítulo anterior) ou a composições especialmente escritas para elas. Exemplos:

• "Winterlid" (Canção do inverno): Letra de Avraham Reisen (1876-1953) e música do folclore arranjada por David Eisenstadt (1890-1942). Obra marcante que resultou do encontro do "poeta da ética e do humanismo" com o maior nome da música dos judeus da Polônia no período entre as duas guerras mundiais. (Fater- p. LXXVII e 31).

• "Oifn veg shteit a boim" (Há uma árvore à beira do caminho): Letra de Itsik Manger (1901-1969) e música de autor desconhecido. Trata-se de uma das mais famosas canções "eruditas" do cancioneiro ídiche. Aparentemente é uma apologia ao amor materno, mas muitos veem na árvore nua um simbolismo todo especial. Seria o ídiche ou então o próprio povo de Israel. (Ver "The Penguin Book Of Modern Yiddish Verse - N. York, 1987, p. 588).

• "Main Inguele" (Meu filhinho): A letra dessa canção é de Morris Rosenfeld (1862-1923), não se sabendo o autor da música. Sidor Belarsky (1898-1975) realizou um ótimo arranjo - "S.B. Lider-Zamlung Songbook" [N.Y.-1970, p. 167 e 249]. Trata-se de um tocante poema de um pai que nunca vê seu pequeno filho acordado, devido à longa jornada de trabalho (o poema foi traduzido para a língua portuguesa, encontrando-se nas seguintes obras: "Antologia Judaica", (Editora Rampa - SP), 1948 e "Quatro mil anos de poesia", da Ed. Perspectiva-SP (1969).

• "Tsipele" (diminutivo do nome próprio feminino Tsiporah): Letra de Moishe Broderzon (1890-1956) e música de Israel Glatstein (1894-1942). Terna canção infantil. De um lado, o chamado "poeta - musical", vítima dos gulags soviéticos, e, de outro, mais um importante compositor, que pereceu no Gueto de Varsóvia [Fater-p. XXXIV e 90].

III - TROVADORES E POETAS

Refere-se esta parte, especificamente, aos continuadores da tradição dos Badchonim e Klezmorim (6), que percorriam as aldeias e, por sua vez, tinham parentesco com os menestréis e *troubadours* medievais. Um dos primeiros desses poetas e compositores (escreviam música e letra) foi Mark Warshawski (1848-1907), advogado, poeta e músico diletante, descoberto por Sholem Aleichem. Sua composição mais conhecida é "Oifn Pripetshok"[7], também chamada de "Alefbeis" (O abc). Recentemente, o filme "Um Homem Sério", dos Irmãos Coen, divulgou outra de suas canções: "Dem Milners Trern" (As lágrimas do moleiro) (Ver "Idishe Folkslider-Mark Warshawski-Iwo-B. Aires-1965, p. 38 e 89).

O ídolo de multidões judaicas no leste europeu, no período entre as duas guerras mundiais, foi Mordechai Gebirtig (1878-1942), nascido na Galitzia (sul da Polônia) e que também pereceu no Gueto de Varsóvia. Carpinteiro de profissão, ele foi o cantor da infância, da ternura e do sonho, mas também das massas obreiras judaicas da Europa Oriental e de seus dois indesejáveis companheiros: a pobreza e o antissemitismo. Citamos como exemplos de sua obra:

• "Iankale" (Jacozinho): Emotiva e cálida canção de ninar, em que a mãe já coloca toda a sua expectativa no futuro do filhinho, mas acorda bruscamente de seu devaneio quando percebe que ainda há um longo caminho a ser percorrido (Ver "Gueklibene Líder" Mordechai Gebirtig - B. Aires, 1954, p.11).

• "Reizale"(Rosinha): Extremamente romântica canção evocativa da juventude) [Gebirtig, p. 46].

• "Unzer shtetl brent" (Nossa cidadezinha está em chamas): Canção premonitória do Holocausto. Gebirtig escreveu-a sob o impacto de pogroms da década de 30 [Gebirtig, p. 83].



Molly Picon, como "menino" em "Idl mitn Fidl"- filme em ídiche, rodado na Polônia em 1936, e cuja canção-título fez sucesso. Também trata dos *Klezmorim* (ver item 6).

IV - TEATRO MUSICADO, DRAMATURGIA E CINEMA

Na segunda metade do século XIX o gênero "opereta" alastrou-se na Europa e Estados Unidos. Em toda a parte, ,representavam-se peças de Jacques Offenbach, Johann Strauss Jr. e Sir Arthur Sullivan. Seria, portanto, uma consequência natural, a sua extensão para as massas judias do Leste europeu e de Nova Iorque. O autor de tal proeza, fazendo literalmente "de tudo", foi Abraham Goldfaden (1840-1908). Começou como professor e jornalista e tornou-se dramaturgo, poeta, empresário e compositor.

Goldfaden era um autodidata e muitas de suas composições foram adaptadas dos folclores judaico e eslavo, ou mesmo de obras de compositores em voga como Verdi. Suas adaptações foram, no entanto, tão bem sucedidas, que passaram a ser consideradas como "música judaica tradicional". Dentre suas inúmeras operetas, as mais conhecidas são "*Shulamit*", "*Bar-Kochba*" e "*Akeides Itzchak*" (O sacrifício de Isaac). Alguns de seus tipos

ficaram incorporados a expressões populares em ídiche como *Kuni-Leml* (tolo), *Schmendrik* (ingênuo), *Bobe Yachne* (mexeriqueira), entre outras.

As suas peças influenciaram todo o desenvolvimento do teatro ídiche, seja o sério, seja o teatro musical (opereta). "*Rojinkes mit Mandlen*" (Passas e amêndoas) é simplesmente a mais famosa e tradicional canção ídiche. Faz parte da opereta *Shulamit*. Há dúvidas se a melodia é original de Goldfaden ou se ele a colheu no folclore. Seja como for, esta fabulosa canção de ninar, sempre consegue elevar às alturas o nivel de emotividade.

Goldfaden, que iniciou seu teatro na Romênia (Iassi e Bucareste), emigrou para a América, criando a instituição que passou a ser o teatro ídiche americano e que persistiu por longas décadas. Na década de 1930, havia oito teatros funcionando simultaneamente na Região Metropolitana de Nova Iorque (o seu centro era a Segunda Avenida e imediações).

O "teatro sério" desenvolveu-se muito nos dois lados do Atlântico após a Primeira Guerra Mundial ("Ha-Bima", de Moscou; "Troupe de Vilna"; "Yiddish Art Theater" de Nova Iorque) e deu chances a muitos compositores para criarem em música incidental[8]. Entretanto, foi das operetas que saíram as melodias que o povo cantarolava no dia a dia.

O teatro musical ídiche da América destacou vários compositores que criaram canções de sucesso permanente. Alguns tinham instrução musical completa, como o regente e empresário Joseph Rumshinsky (1881-1956). É de sua autoria "*Shein vi di Levone*" (Linda como a Lua), cuja letra é de Chaim Tauber (1901-1972). Outro regente foi Shalom Secunda (1894-1974), cuja canção mais conhecida, "*Bai mir Bist du Shein*" (Para mim você é linda), chegou a figurar nas *hit-parades* das emissoras de rádio americanas, em ídiche (a letra é de Jacob Jacobs, 1892-1972). Havia atores e intérpretes que também compunham, como Alexander Olshanetzky (1892-1944): "*Beltz*" (letra também de Jacob Jacobs); Aaron Lebedeff: (?-1960): "*Romenie, Romenie...";* Jack Yellen (1892-1991) e Lew Pollack (1895-1946): "*A Idishe Mame*".

Nesta relação de intérpretes-compositores, embora provindo de outras vertentes, não poderiam faltar o *chansonnier* Bentzion Witler (1907-1961): "*Vi nemt men a Bissale Mazel*" (Onde buscar um pouco de sorte) e o já citado Sidor Belarsky, que havia alcançado sucesso como cantor de óperas. Vale notar que todos os que compuseram música ídiche, mesmo que não possuíssem sólidos conhecimentos musicais, participaram, pelo menos em um momento de suas vidas, de corais de sinagogas, embebendo-se na liturgia e sendo admiradores incondicionais de algum *chazan* famoso.

O cinema ídiche sonoro teve uma duração muito curta (1929/40), com vários filmes realizados nos EUA e na Polônia. Um compositor que se destacou nestes filmes foi Abraham Ellstein (1907-1963) com "*Idl mitn Fidl*", "*Mamele*" e "*A Brivale der Mamen*". Os dois primeiros foram estrelados pela extraordinária atriz e cantora Molly Picon (1902-1992). Com a música da peça e filme "O Violinista no Telhado" (realizado em 1971, e baseado em obra do maior escritor ídiche, Shalom Aleichem), o compositor até hoje mais tocado nas festas judaicas (mas pouco conhecido), é Jerry Bock (1928-2010). Naquele filme Molly Picon ainda atuava, (no papel da casamenteira).

Acrescentamos ainda que, do teatro ídiche, saíram dezenas de atores, roteiristas, compositores, e outros que passaram para os palcos em inglês e, a partir daí, conseguiram renome internacional em Hollywood.

V - HOLOCAUSTO

"Parece anti-natural que, no palco, numa cena triste, o ator comece repentinamente a cantar, pois na vida real isso não acontece. Contudo, a experiência nos demonstrou que os judeus, nos momentos mais terríveis, procuraram descarregar a opressão de seus corações através da canção." Estas reflexões são de Shmerke Kaczerguinsky (1908-1954), escritor e *partisan*, que, no após guerra, procurou compilar todas as composições onde quer que elas se encontrassem, com sobreviventes ou em arquivos milagrosamente preservados nos escombros, tais como o arquivo de Emanuel Ringuelblum (1900-1944), incansável cronista e historiador, enterrado por ele no Gueto de Varsóvia e redescoberto após o final da guerra.

A obra de Kaczerguinsky foi publicada sob o título de "Lider fun di Guetos un Laguern-NY-1948", com redação final do poeta H. Leivick. Surpreende-nos a vida cultural que os judeus mantinham, nos guetos, entre 1939 e 1941; antes, portanto, do transporte dos que ainda sobreviviam para os campos de extermínio. Esta vida cultural se traduzia em concertos e representações teatrais, nas condições mais aterradoras, para que os ânimos não se deixassem abater. Particularmente comoventes são os "*partisanen-lider*" (canções dos grupos guerrilheiros), do período 1942-1945. Seguem exemplos de canções dos guetos e das florestas:

- *"Shtil, di Nacht is Oisgueshternt"* (Silenciosa, a noite está estrelada): A letra é de Hirsh Glick (1920-1944?), o autor do conhecido "Hino dos Partisans", mas não se conhece o compositor. Narra o episódio épico de uma

jovem, Vitka Kempner, que, com um só tiro de pistola, acertou um caminhão de explosivos, fazendo retroceder um comboio nazista [S.K., p. 348 e 428].

• "Dremlen Feiglen oif di Tzvaign" (Pássaros cochilam sobre os ramos): Letra de Leah Rudnitzky (1916-1942?) e música de autor desconhecido. Tristíssima canção de ninar composta no Gueto de Vilna por uma grande poetisa: "Era teu berço tecido de felicidade, mas agora, tua mãe, oh! tua mãe, não voltará jamais" [S. K., p. 87 e 387].

• "Unter Daine Vaisse Shtern" (Sob Tuas brancas estrelas): Letra de Abraham Sutskever (1913 - 2010), e música de Abraham Brodna (?-1943). Canção apresentada em concerto no Gueto de Vilna, com texto de um dos maiores poetas da língua ídiche e que sobreviveu à guerra. É uma profunda e comovente prece, no auge do desespero, com a máxima esperança! [S. K., p. 74 e 380].

NOTAS

1. *Sweat-Shop*: nome que os imigrantes recém-chegados à América deram às oficinas de confecções de roupas, um dos seus poucos mercados de trabalho, e onde eram barbaramente explorados.

2. YIVO: Centro de pesquisas fundado em Vilna, em 1925, com o nome de *Idisher Visnshaftlecher Institut* (Instituto Científico Judaico). Em 1940, a sede mundial passou a ser Nova Iorque e seu nome atual é *Institute for Jewish Research*. Para ter idéia da sua magnitude, basta dizer que a biblioteca sobre assuntos judaicos comporta 400 mil volumes e que possui 24 milhões de documentos. Existem sucursais em várias cidades do mundo (em Buenos Aires, é conhecido pela sigla IWO).

3. *Dibuk*: espírito do folclore judaico, que, segundo se acreditava, conseguia "possuir" as pessoas. George Gershwyn, que desde menino acompanhava seus pais ao teatro ídiche, também cogitou compor uma ópera baseada na peça, chegando a assinar um contrato com a Metropolitan Opera em 1929, mas acabou desistindo.

4. Gueto: sempre vale lembrar que, quando irrompeu a Segunda Guerra Mundial, muitos judeus já não habitavam os antigos bairros com essa denominação, nas cidades maiores da Polônia. Os nazistas muraram estas áreas (transformando-as em campos de concentração urbanos) e ali encerraram grandes populações para facilitar seu aniquilamento pela inanição e epidemias.

5. *Misnagdim*: literalmente, adversários; eram os que faziam oposição ao Chassidismo na época em que surgiu, o século XVIII. Este antagonismo praticamente deixou de existir no século seguinte.

6. *Badchonim* e *Klezmorim*: eram os animadores das festas. *Badchan*: um misto de declamador, contador de histórias e cômico. *Klezmer,* designava o músico que tocava, geralmente de ouvido, um violino precário, uma rabeca. Foram ressuscitados, com enorme e merecido sucesso, pelos atuais "Conjuntos de Música Klezmer". Todavia não pode haver termos de comparação. Os intérpretes de agora são profissionais que têm intimidade com teoria e história da música e contam com uma gama de instrumentos de qualidade, desconhecida em épocas anteriores.

7. *Pripetshok*: fogão geralmente feito de tijolos, que ficava no centro das rústicas habitações das aldeias do Império Russo. Servia para cozinhar e aquecer o ambiente.

8. Incidental: termo usado para qualificar a música composta especialmente para acompanhar a ação de uma peça teatral ou filme.

* Diretor do Depto. de Cultura Iídiche do AHJB

OSCAR NIMITZ (1934-2011),

um jornalista presente na Comunidade

OSCAR NIMITZ nasceu em Araraquara (13/02/1934), foi um dos principais nomes da imprensa judaica brasileira. Foi um dos criadores da Resenha Judaica e fundador da Tribuna Judaica, em que alguns jovens começaram como jornalistas, Caio Blinder, Gabriel Toueg, entre outros. Trabalhou na televisão, apresentando um quadro no programa Shalom Brasil. Escreveu também uma biografia de Ben-Gurion. Foi voluntário na Unibes e na Fisesp. "Sempre trabalhou para que o Judaísmo continuasse forte, escreveu a Fisesp em nota oficial, divulgado e presente em todos os lares da comunidade". Oscar Nimitz faleceu em 11 de abril de 2011.

Língua e tradição: judeus-conversos espanhóis leitores de São Paulo

Mª DEL PILAR ROCA *

O forte caráter histórico e político que acompanha o Judaísmo permeou e liderou a criação e consolidação do Estado Moderno espanhol, desde o século XIII até a paradoxal data de 1492, continuando sua influência durante mais duas ou três gerações, sob ação de determinados judeus-conversos que, quem este artigo subscreve, tem denominado como judeus *não assimilados* (ROCA, 2005; 2008). Damos esta denominação em virtude da percepção que muitos deles tiveram da força coesiva inerente à memória como elemento primordial no desenvolvimento da consciência individual e comunitária, base, portanto, da estruturação política da sociedade.

Uma via possível para entender a permanência do judaico na Espanha é observar a virada política que tomou a interpretação das cartas paulinas no período mencionado por parte dos intelectuais de origem judaica. Estamos falando de intelectuais que desenvolveram aspectos essenciais de suas obras, com base nas cartas do Apóstolo, como Alonso de Cartagena, *Denfensorium Unitatis Christianae* (1449), Alonso de Oropesa, *Lumem ad Revelationem Gentium* (1465), São Juan de Ávila (1500-1569) e os *Sermones,* publicados a partir de 1588 e Juan de Valdés (1504-1541) e seus comentários bíblicos. Nos três primeiros casos, a leitura de São Paulo é aproveitada para divulgar uma compreensão corretiva do problema dos judeus-conversos, problema que havia sido suscitado pelos cristãos velhos em meados do século XV, diante da agitação política que queria servir de justificativa para propagar as divisões dentro da sociedade, problemas estes que só aumentaram durante o século XVI. No caso de Valdés, o processo de leitura e exegese ultrapassara o especificamente converso para alcançar ressonâncias políticas além dos limites peninsulares.



Dr. Pablo de Santa Maria (Schlomo b. Yitzhak HaLevy, 1351-1435), rabino e depois bispo espanhol. Pertence à mesma família de Theodor Herzl, pai do Sionismo político.

A tese que apresentaremos brevemente neste artigo parte da presunção de que, no período citado, se produz uma transferência do Judaísmo ao Cristianismo histórico, provocando sua politização, com as devidas ramificações sociais e econômicas que não trataremos aqui, embora estejam ativas. Acreditamos que a causa disto possa ser explicada pelas características da exegese judaica da Península, que defendia a tradução literal do texto bíblico para a língua local, evitando qualquer interpretação alegórica dos textos e incentivando os estudos linguísticos e filológicos , entendidos como práticas que imunizavam as interpretações das Escrituras de um excessivo racionalismo.

Com efeito, as práticas racionalistas de interpretação seguiam a tendência aristotélica iniciada por Maimônides no *Guia de Perplexos*. No entanto, para uma fatia importante da população judaica espanhola dos séculos XII e XIII, o racionalismo aristotélico empregado pelo médico e

filósofo afastava a comunidade do verdadeiro sentido das Escrituras, que deveria ser desvencilhado destes pela filologia. Entregando as Escrituras a uma interpretação filosófica em vez de teológica e filológica, o acesso à mensagem bíblica ficava comprometido, porque lhe tirava o sentido que, segundo a tendência praticada pelos exegetas judaicos peninsulares, só surgia quando se assumia a mensagem bíblica como de natureza linguística.

De modo que, para os exegetas judaicos ou, mais adiante, para aqueles de ascendência judaica, as aparentes incompreensões das Escrituras provinham das limitações intrínsecas da linguagem, que na escrita era obrigada abordar os matizes da tradição oral em um indesejável formato sequencial. Portanto, para os intelectuais oriundos desta comunidade, aqueles que chamaríamos de não assimilados, nenhuma explicação racional seria válida por si mesma. Ela teria que ir acompanhada de um sério trabalho filológico e linguístico que a esclarecesse. Prova da relevância desta compreensão é que, quando nas primeiras décadas do século XVI, o Cardeal Cisneros, regente de Castilha, após o falecimento da Rainha Isabel, dá início aos trabalhos de tradução da Bíblia, confia a tarefa ao grupo de tradutores da Universidade Complutense de Alcalá de Henares, com o judeu-converso Cipriano de la Huerga à cabeça e com figuras como Benito Arias Montano e Frei Luis de León. Foi nesse ambiente filológico e exegético que Juan de Valdés assistiu a aulas, embora a sua formação oficial fosse jurídica.

O leitor poderia arguir as poderosas razões de que o judeu-converso hispânico já não era judeu e que o Apóstolo jamais se interessou por mudanças políticas, nem pela organização política ou civil, pois aguardava a segunda vinda de Jesus Cristo, a Parúsia, ainda em vida e, com ela, o fim da história. Contudo, e segundo temos visto acima, não parece crível que a comunidade judaica mudasse substancialmente sua presença idiossincrática no campo político após a expulsão, sendo que continuaram nas acostumadas posições de assessoria política e econômica dos príncipes (além de ocuparem o cargo de médico real). Por outro lado, as condições espirituais vivenciadas pelo Apóstolo em relação à proximidade do final dos tempos não se tinham cumprido, deixando em mãos dos crentes e dos dirigentes a necessidade de organizar o corpo civil até o impreciso final da história.

É verdade que o fato de o Cristianismo ser, do ponto de vista documental, uma continuação da tradição judaica complica a delimitação de fronteiras entre um e outro. No entanto, a nosso ver, acreditamos que há uma permanência da visão judaica do mundo, visível tanto na ação política dos judeus-conversos quanto nas práticas filológicas. Embora houvesse mudanças religiosa e ritualística, estas eram ora acobertadas na prática da ressalva mental, ora manifestadas abertamente, como as críticas à confissão, das quais há exemplos extremos na literatura peninsular, como no *Libro El Buen Amor* (1330-1343), de Juan Ruiz, ou no suicídio sem confissão de Melibea no final de *La Celestina* (1499), do judeu-converso Fernando de Rojas. Não estamos, com isto, afirmando que os judeus-conversos não fossem cristãos sinceros. Só queremos chamar a atenção para o fato de que a memória não pode ser desenraizada e que ela opera por cima de manifestações formais, transformando-as. Em determinados casos, parte-se para um ceticismo cujos frutos chegaram longe e que, por razões de espaço, não serão mencionados aqui.

É característico de quem carrega uma formação judaica, expressa ou não, entender e ler o Novo Testamento à maneira veterotestamentária. O que é, no entanto, significativo é que a intenção inicial de São Paulo fosse pouco a pouco modificada e transferida para sociedade civil, através da leitura dos judeus-conversos, impelidos pela solução de problemas que ameaçavam a unidade da Igreja.

A conexão interna mais poderosa que permite o trânsito do Judaísmo para o Cristianismo dos judeus-conversos é a que surge da comparação da Lei com Cristo. Da mesma maneira que a *Torá* não estará completa se houver uma letra apagada, a sociedade não estará completa se um só dos que compõem o corpo civil ficar fora por desordem ou injustiça. É claro que essa comparação não aparece em texto nenhum de maneira explícita, porém as conexões ente o AT e o NT e a mencionada comparação entre Lei e Cristo estão explícitas em autores que assumiam que a articulação da união civil era realizada pela exegese bíblica, como Juan de Valdés no comentário ao Evangelho de São Mateus (p.2),

"Porque estando fundados los Salmos en el deber de la generación humana según la verdadera inteligencia de la ley de Moisen, y estando fundadas las epístolas en el deber de la regeneración cristiana según la verdadera inteligencia del evangelio de Cristo, no ay duda de que a mi para traducir e interpretar e a vos para entender e gustar, fue cosa conveniente tomar primero los Salmos, porque es así que mas capaces somos de las cosas que

pertenecen al deber de la generación humana que de las que pertenencen al deber de la regeneración cristina, siendo estas contrarias a nuestra natural inclinación y siendo aquellas como propias a ella, e tomar luego las epístolas antes que los evangelios"

Segundo o historiador Juan Antonio Maravall, há uma série de traços peninsulares na hora de interpretar, que foram explicados por Marcel Bataillon como influências erasmistas podem ser esclarecidos pelo influxo judeu - converso. A politização se produziu quando a imagem paulina que descrevia os crentes como membros do corpo vivo de Cristo, o que mais tarde foi denominado na Europa como o Corpo Místico de Cristo, vingou como imagem de união civil. A questão é: onde está o fio condutor que faz a nossa argumentação coerente, de modo que permita seguir falando de Judaísmo como uma doação crítica e revisionista ao Cristianismo. A chave está na proximidade às fontes que os judeus-conversos mantêm, assim como a transformação do Corpo de Cristo com que São Paulo alude à União Cristã, em um projeto político que designa funções dentro da sociedade e que estabelece limites no poder. De fato, Maravall observa (p.184)

"Que en el siglo XVI, como ha señalado Bataillon, el beato Juan de Ávila se ampare en la doctrina del cuerpo mistico para defender la posición de los conversos, es prueba de una dirección distinta (...) Si en los ya numerosos testimonios que hemos recogido se observa una neta significación estamental y, si cabe decirlo así, conservadora, en esa otra dirección esa tendencia igualitaria e individualista, base para resaltar el valor igual de todos miembros en tanto que miembros"

Partindo desta observação, caberia pergunta se a introdução ao *Examen de Ingenios* (1585), da autoria do médico e filósofo Juan Huarte de San Juan, não pode ser entendida dentro desta virada interpretativa e aplicativa do corpo de Cristo paulino já que o escritor rubrica seu prefácio, convidando o Rei a estudar seu lugar como um membro a mais.

"Queriendo, pues, reducir a arte esta nueva manera de filosofar, y probarla en algunos ingenios, luego me ocurrió el de vuestra Majestad por ser más notorio, de quien todo el mundo se admira viendo un principe de tanto saber y prudencia. De cual aquí no se puede tratar sin hacer fealdad en la obra. El penúltimo capitulo es su conveniente lugar, donde vuestra Majestad verá la manera de su ingenio y el arte y letras con que había de aprovechar a la republica si, como rey y señor por naturaleza, fuera un hombre particular" (RINCÓN, p. 52).

Huarte não tem demonstrada a sua ascendência judaica; no entanto, cabe destacar dois fatos que justifica sua presença neste microestudo. O primeiro é que a obra foi desenvolvida a partir da experiência vivenciada como estudante na Universidade de Alcalá de Henares e, muito especialmente, no contexto da Universidade de Baeza (Jaén), fundada por judeus-conversos e cujo quadro de professores tinha essa origem em uma alta porcentagem. Por outro lado, o *Examen* era leitura corriqueira entre os judeus-conversos exilados em Amsterdã durante o século XVII, segundo o pesquisador Josef Kaplan na biografia de Isaac Oróbio de Castro. Portanto, a obra huartiana vai ilustrando um possível sintoma da projeção política e social dos judeus-conversos na formação da sociedade civil peninsular.

Referências

MARAVALL, J.A. Estudios de pensamiento español. Serie primera. Edad Media. AECID, 2001 (4 ed).

RINCÓN, M.D (org). Conocimiento, educación y espiritualidad durante los S.XVI-XVII. Breve selección de textos. Universidad de Jaén, 2010.

ROCA, M. Pilar. Ismael Viñas. Ideografía de un mestizo. Buenos Aires: Dunken, 2005.

______. Lengua y conciencia en la mentalidad de los judeoconversos españoles. *El Olivo* XXXII, 67. 2008, p.39-64.

______. A fundação das línguas vernáculas para a construção do Ocidente cristão. *Verba Juris* 5, 2006b, p. 77-108.

VALDÉS, J. El evangelio según San Mateo, declarado por Juan de Valdés. Librería Nacional y extranjera: Madrid, 1880.

* Mª del Pilar Roca/Doutora pela Universidade Autônoma de Madrid. Estudou na Universidade Hebraica de Jerusalém, professora na UFPB.

SEMI-ÓTICA DO EX-LIBRIS DE JOAQUIM NABUCO
A IMPORTÂNCIA DE LER O PROFETA DANIEL

PAULO VALADARES *

Uma das singularidades do diplomata, político e escritor pernambucano Joaquim Nabuco (1849-1910) foi o uso do seu ex-libris na construção de sua persona pública. O ex-libris é imagem pré-escolhida para marcar a posse de livros. Ela é impressa, mas, em alguns casos, pode ser um carimbo colocado nas páginas iniciais dos livros que formam uma biblioteca. Serve não só para dar unidade, mas também identidade. É um signo de pertencimento.

Joaquim Nabuco usou o seu ex-libris não somente nos livros, se é que utilizou nesta atividade. Usou-o principalmente mandando a amigos, como o historiador Oliveira Lima (1867-1928), o crítico José Veríssimo (1857-1916), dentre outros, como se fosse um retrato de sua alma. Pelo menos, foi como que eles perceberam.

O resultado desta imagem na construção do personagem Joaquim Nabuco foi tão bem sucedido, que ela extrapolou os limites e uso de um ex-libris, para tornar-se o seu corpo simbólico. Marca tão forte e expressiva que, modernizada, foi usada no logotipo oficial do "ANO JOAQUIM NABUCO".

O EX-LIBRIS DO "TOURO ALADO"

O seu ex-libris nasceu de um estudo feito pelo amigo Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos Junior, 1845-1912, em Paris. Seria o seu brasão no caso do recebimento de um título de nobreza. Não há muita documentação sobre o episódio, pois não temos o relato completo do seu surgimento. Creio que Rio Branco e Nabuco tenham trocado impressões até a versão final ser desenhada pela Maison Agry (Rua Castiglione nº 14 em Paris, fundada em 1825 e com atividades até hoje). Não há a assinatura da empresa, porém sabe-se que o ex-libris de Rio Branco foi desenhado por ela. Nabuco escreveu apenas: "Este desenho foi feito pelo Rio Branco em Paris" (CUNHA: 137).

Neste estudo, ele abandonou, ou melhor, diminuiu a importância dos ancestrais já brasonados, os Pais Barreto, morgados da Bilheira em Portugal e do Cabo no Pernambuco e criou uma imagem para os plebeus Nabuco de sua varonia, trazendo, para a heráldica luso-brasileira, figuras que não tinham sido usados ainda em brasões desta região. O criador optou pelo Nabuco, originário de Escalhão, família de origem modesta, segundo Gilberto Freyre (1900-1987), "talvez de sangue *sefardim* ou judaico" (NABUCO: 37).



A escolha do "touro alado" babilônico partiu de um jogo de associações complexas, mas que podem ser decodificadas de forma simples. O "touro alado" babilônico remete à história de Nabucodonosor (Nabuco, na grafia antiga) e a escravidão dos judeus contada no livro de Daniel. Quando Giuseppe Verdi (1813-1901) escreveu a opera Nabucco (1842), também usou o tema bíblico para protestar contra a ocupação estrangeira de seu país e criou, dentre tantas belas canções da ópera, a excelsa "vá pensiero, sull' ali dorate (...)".

É claro que Nabuco sabia da história bíblica. Ele automaticamente associou o seu abolicionismo à escravidão

hebréia e de Nabuco pernambucano tornou-se o príncipe assírio:

"Divertia-se invocando uma descendência direta, varonil e sempre pura do rei que passara sete anos pastando, e dizia: Se na Espanha há uma família d´Onozor, com pretensões a essa descendência, por que não haverão os Nabucos, que têm a parte nobre do nome, de pretender o mesmo? (...) "(NABUCO: 37).

No bestiário heráldico, há dois "touros alados": o babilônico, usado como sinete governamental nas construções públicas assírias, e o cristão, símbolo do apóstolo Lucas, usado no brasão citadino de Sanlúcar de Balmaceda, único caso na Península Ibérica. Mas qual seria o de Joaquim Nabuco, o babilônico ou o cristão?

Ele responde claramente, todas as vezes que fala sobre esta peça heráldica, remetendo-se às descrições do profeta Daniel. Não usa, em nenhum momento, a escatologia cristã do Apocalipse:

"(...) o touro alado da Babilônia, que possuía cabeça de homem, asas de águia e a força do touro, reunindo o maior conjunto possível de qualidades. Apenas os pés eram de barro, MAS ESSES FICAVAM ESCONDIDOS NA GRAMA (...)" (NABUCO: 36-7).

A descrição do ex-libris por J.N. é uma mistura da imagem do "touro alado" estampado nas paredes babilônicas com o primeiro sonho de Nabucodonosor sobre a sucessão dos impérios terrenos (DANIEL: 2;32-5). Curiosa é a imagem dos pés de barro tomada para si, algo que, psicanaliticamente, pode ser interpretada como uma alusão aos seus ancestrais judeus, que o diga o seu parente Filipe Pais Barreto, que teve barrada a sua entrada na aristocrática Ordem de Cristo, por ter sido descoberta esta origem desprezada em 1707.

A IMPORTANCIA DE LER DANIEL

"Daniel" é o livro predileto dos descendentes de cristãos-novos no mundo luso-brasileiro. Ele aparece em orações, invocações, citações e até na onomástica dos cristãos-novos. Daniel foi um aristocrata judeu, aparentado à família real davídica, levado por Nabucodonosor para o exílio babilônico. Lá, ele recebeu novo nome (Baltazar), aprendeu o idioma local e serviu ao monarca interpretando os seus sonhos. O seu nome significa "Deus é meu Juiz". Ele é considerado como autor do livro que leva o seu nome. Provavelmente, foi escrito em 605 aC. É bilíngue. Há passagens em aramaico e hebraico. As razões para isto são as posturas dos leitores, uns crentes e outros espiões. Os trechos comprometedores para os exilados estão em hebraico. O livro é dividido em duas partes. Na primeira, figura a biografia do autor (capítulos I a VI) e, na segunda parte (capítulos VII até XII), as profecias, que contam o aparecimento e o destino dos impérios.

Como "Daniel" entrou na cultura cristã-nova?

Os descendentes dos cristãos-novos tinham um problema a resolver. Como se comportar diante da "conversão forçada"?

Os judeus resolvem os seus problemas procurando no passado algo semelhante ou como os "Nossos Sábios" (expressão usada pra identificar os protagonistas do *Talmude*) os resolveram. Mesmo que não se concorde com a solução, é necessário conhecer todas as opções e produzir uma argumentação mais consistente e crível. Assim, no século XV, quando surgiu o problema da conversão forçada, eles procuraram no passado uma situação análoga e encontraram o exílio babilônico. É possível que isto tenha conduzido ao profeta Daniel, que assim tornou-se o ideólogo dos cristãos-novos portugueses. Você deve perguntar por que afirmo isto?

Para responder esta afirmação, procuramos exemplos que mostrassem esta influência de Daniel no mundo cristão-novo e na sua cultura. Isaac Abravanel (1437-1508), político português e descendente da família real davídica, atingido pela conversão, debruçou-se sobre o profeta Daniel para encontrar respostas para a tragédia vivida pelos judeus e seus descendentes na Península Ibérica, tanto na Espanha, quanto em Portugal.

Entregues à própria sorte, sem líderes, outro divulgador do profeta Daniel foi Gonçalo Anes Bandarra (1500-1556), um sapateiro que viveu em Trancoso, na Beira Alta. Aparentemente, ele não era cristão-novo, mas vivia e produzia entre eles. Era paradoxalmente um analfabeto, mas conhecia o texto de Daniel, o suficiente para explicar aos interessados. Ele é o autor de Trovas que entrou nas explicações místicas do país. É texto fundador do Sebastianismo – fenômeno que é interpretado de diversos formas. Para os cristãos-novos, foi a forma discreta para continuarem esperando o Messias, sem se comprometerem. Escrita no século XVI, as "Trovas" chegaram até o século XX, atravessando gerações, servindo as grandes mentes milenaristas do país, do Padre António Vieira até o poeta Fernando Pessoa.

O Padre António Vieira (1608-1697), que também não era cristão-novo, mas conviveu com eles e também conhecia o mundo judaico, tomou Bandarra como modelo para desenvolver seu pensamento heterodoxo, adaptando as profecias messiânicas do Profeta Daniel para a vida política portuguesa.

O padre e inventor santista Bartolomeu de Gusmão (1685-1724), que vivia em Lisboa, perseguido pela Inqui-



O profeta Daniel "sobrevive" próximo à praça Joaquim Nabuco, Recife. Foto: Onildo Moreno



Na segunda linha em hebraico, "Shemtov" e no alfabeto latino, "Santos", Cemitério Israelita do Butantã. Foto: Guilherme Faiguenboim.

sição, fugiu e morreu em Toledo. Baseado em "Daniel", ele acreditava ser o Messias e que levaria os judeus para viverem livres na Terra de Israel.

O poeta nacional Fernando Pessoa (1888-1935), bisneto de um médico beirão chamado Daniel Pessoa e Cunha (1780-1822), oriundo de importantes famílias cristãs-novas, é um caso especial. Lido apenas como um poeta, esquece-se do místico que ele foi.

No Brasil, o sergipano Paulo Dantas (1922-2007) escreveu o romance O Livro de Daniel (1961), que se passa no Nordeste e mostra um Catolicismo ajudengado, onde os personagens têm nomes veterotestamentários e o personagem principal luta contra sua herança cultural. Na mesma região onde se desenrola o romance, o padre Felismino da Costa Fontes (1848-1892) chefiou um grupo milenarista na cidade de Frei Paulo, em Sergipe, declarando-se profeta ao anunciar o juízo final, negando a missa católica e usando como argumento o profeta Daniel.

Inserido nesta "cultura cristã-nova", coube a um homem de Escalhão, pequena cidade próxima a Trancoso, terra do pensamento seminal de Bandarra e dentro do "marrano Country", chamado Fernández, que por alguma razão que ainda nos é obscura, receber a alcunha de Nabuco - hipocorístico de Nabucodonosor, personagem do livro de Daniel, e que se tornou o patriarca desta linhagem. Família de condição modesta, que começou com um tecelão e que gerou dois cirurgiões. O seu percurso será semelhante ao de muitas famílias cristãs-novas na busca da ascensão social para fugirem da repressão inquisitorial.

RESOLUÇÃO DE UM ENIGMA GENEALÓGICO

Se ainda paira alguma dúvida sobre a origem judaica dos Nabucos, nenhuma há sobre a costela israelita dos aristocráticos Pais Barreto, pois, acompanhando as genealogias já publicadas, chegamos até a judiaria de Barcelos, onde viveu o seu avô judeu, conhecido na documentação comercial como Santo Fidalgo e posteriormente depois do batismo forçado, como Diogo Pires.

Entretanto, como saber o seu nome judaico que não aparece na documentação? Como descobrir o nome com que ele era chamado à *Torá*?

Se não há, na documentação que sobreviveu esta informação, tivemos que deduzi-lo usando apenas as regras onomásticas judaicas.

A onomástica judaica sefaradita obedece regras inflexíveis. O prenome dado ao recém nascido não obedece

modismos, mas segue um modelo pré-estabelecido para prenome, tanto do menino, quanto da menina. O filho mais velho recebe o nome do avô paterno; o segundo, do avô materno; o terceiro do tio paterno, o quarto do materno e assim se segue o nombramento da linhagem. A regra serve também para as mulheres. Pode-se afirmar que a demografia judaica sofre a influência da onomástica.

Estas regras permitem a reconstrução ou a identificação das linhagens. É possível identificar parentescos ou mesmo descobrir nomes de ancestrais nesta cadeia de parentesco. Quando o escritor Marek Halter começou a escrever a sua genealogia em forma de romance, recebeu o conselho de alguém mais experiente, o professor israelense Dov Sadan (1902-1989).

"(...) O uso dos patronímicos não é muito antigo entre os judeus, e é através dos prenomes que se estabelecem as genealogias. Qual é o seu prenome? – Marek. – Sim, eu sei. Mas, em hebraico? – Meir Ikhiel, como meu bisavô. Dov Sadan saltou do banco: - Eis um elemento importante. Vamos procurar os Halter e os Meir Ikhiel. Talvez o acaso nos leve à pista certa (...)" (HALTER: 205).

Nas sociedades onde há relações frequentes entre judeus e não-judeus, o homem ou a mulher judia utiliza um prenome local equivalente ao seu nome familiar. Este é o *kinui* (prenome substituto). Não há uma regra para a sua aquisição, porém, com o tempo, fixam-se determinados equivalentes. Aqui no Brasil, um Alberto é um Abraham, um Maurício é um Moisés, um Marcos é um Mordechai, uma Elisa é Lea, uma Clara (ou Clarice) é uma Chaia, Rita é Sara (de Sarita), entre outros.

No caso de Santo Fidalgo, é possível fazer esta dedução onomástica, pois temos o seu *kinui* raro (Santo) quanto os nomes de seus filhos:

Qual o nome hebraico de Santo?

SANTO é muito próximo foneticamente de SHEMTOV. Encontramos outros Shemtov de nome Santo. O mais conhecido deles foi o poeta Shemtov b. Yitzhak ibn Ardutiel (1290-1369) conhecido como Dom Santo de Carrión. Neste inventário onomástico, encontramos também a lápide do paulistano Santos Franco (1910-1961), cujo nome hebraico era Shemtov b. Haim, ou seja, quase cinco séculos depois, o padrão continuou o mesmo.

Foi o suficiente para fixar o nome judaico de Santo em Shemtov.

Para encerrar a busca, só faltava encontrar o patronímico – Shemtov era filho de quem? Não tínhamos esta informação, mas sabíamos que o primogênito recebe o nome do avô paterno. Pois o seu primogênito chamou-se Abraham (Gonçalo Dias). Informação suficiente para estabelecer com segurança o nome judaico de Santo Fidalgo, que, ao converter-se ao Catolicismo recebeu no batismo o nome de Diogo Pires. No Judaísmo, era SHEMTOV b. ABRAHAM!

CONCLUSÃO

O ex-libris do "touro alado" é um símbolo de inspiração judaica numa cultura que ainda lhe era hostil. Ele pode ser incluído num inventário da "cultura cristã-nova", pois a sua explicação se encontra dentro dela. É parte da herança étnica de Nabuco, que sobreviveu na onomástica familiar, apesar da exposição das gerações posteriores à cultura dominante. A sua escolha pode ter sido feita de forma inconsciente, já que a identidade tem um fundo emocional e não é controlada racionalmente. Ela reflete como o utente do símbolo se via e queria ser visto. Usá-lo, porém, não fez de Joaquim Nabuco um judeu, nem tampouco um cristão-novo tardio, mas revelava em sua persona um componente muito importante desta cultura.

BIBLIOGRAFIA

• BRANDÃO, Noêmia Paes Barreto. Paes Barreto do Rio Formoso. Solar de Mamucabas. Rio de Janeiro: edição do autor, 1992.

• CUNHA, Rui Vieira da. "Rio Branco e as armas para Nabuco". Em: Edição Comemorativa do Cinqüentenário do Instituto Genealógico Brasileiro (1939-1989). S. Paulo: IGB, 1991, pp. 137-142.

• GUERRA, Luís de Bivar (organizador). Um caderno de cristãos-novos de Barcelos. Em: Armas e Troféus, várias edições, a partir da II Série, Tomo I, 1959, Lisboa, Portugal.

• HALTER, Marek. A memória de Abraão. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

• MELLO, Evaldo Cabral de. O nome e o sangue. Uma fraude genealógica no Pernambuco Colonial. S. Paulo: Companhia das Letras, 1989.

• NABUCO, José Thomaz. Um Médico do Brasil Colônia: o Cirurgião-mór Manoel Fernandez Nabuco e a sua gente. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

• VALADARES, Paulo. A presença oculta. Genealogia, identidade e cultura cristã-nova brasileira nos séculos XIX e XX. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2007.

* Historiador e genealogista.
Blog: http://www.bestaesfolada.blogspot.com/

Hella Moritz

(março de 1929 - novembro de 2010)

FÁBIA TERNI LEIPZIGER*

"Um dos pilares do Congresso Judaico Mundial" (WJC, sigla em inglês) foi como Ronald S. Lauder, atual presidente do Congresso, chamou Hella Moritz, tal foi a importância de suas múltiplas realizações. "Sem sua dedicação e sua competência profissional, esta importante organização jamais teria chegado onde chegou nas últimas quatro décadas", disse ele num dos vários depoimentos dados em Nova Iorque após seu falecimento.

Michael Schneider, Secretário Geral do WJC, afirmou que "o Congresso jamais será o que era antes".

Cedo na vida, sentiu e respondeu ao chamado do Povo Judeu. Dedicou meio século à causa do Judaísmo Mundial, servindo como intérprete a ministros e chefes de estado, trafegando entre Genebra, Paris, Nova York e Jerusalém, às vezes na mesma semana.

Brilhante assessora de quatro presidentes do Congresso Judaico Mundial desde a década de 60 até o ano de 2009, Hella foi uma das poucas pessoas que conheceu pessoalmente todos os Primeiros Ministros do Estado de Israel. Tanto na companhia de Chefes de Estado como de detentores do Prêmio Nobel, ou de destacadas Autoridades Religiosas, era uma rara combinação intelectualmente notável e dinâmica, ao mesmo tempo em que exibia um alto grau de compaixão humana, e um desejo sincero de servir.



Hella Motitz: divulgação

Algumas das mais importantes negociações das quais Hella Moritz participou são a Claims Conference, a luta para salvar judeus atrás da então chamada Cortina de Ferro, o comprometimento de Kurt Waldheim com o Nazismo, a restituição de ativos judaicos confiscados durante o Holocausto, e o episódio dos seguros com os bancos suíços.

Suas iniciais manuscritas encontram-se no final de inúmeras destas.

Uma mulher extraordinária, Hella não impressionava apenas por sua inteligência e capacidade profissional. Sua simpatia somada a seu lendário senso de humor fizeram dela uma figura bem-vinda em qualquer roda de amigos, espalhados pelos 4 cantos do mundo por onde atuou. Altruísta, não mediu esforços para trazer alegria e esperança a idosos, enfermos ou simplesmente gente solitária.

Hella caminhava entre os grandes, sem perder o elo com as pessoas comuns.

Pertenceu àquela rara categoria de seres humanos que tinha o olhar solidário com os menos favorecidos. Atuava como voluntária em abrigos para portadores de Aids e para os sem-teto. Membro ativo da sinagoga Bnei Jeshrun, participava também na distribuição de sopa quente nas noites gélidas do inverno novaiorquino.

Certa vez, perguntei-lhe como fazia para combater a solidão? Afinal, havia deixado São Paulo nos anos 60, e morava sozinha há quatro décadas.

Sua resposta foi talmúdica:

"Visitando pessoas que são ainda mais solitárias do que eu."

E com mais esta *mitzvá*, deixava transparecer a pessoa excepcional que foi, cujo legado de caridade, justiça e amizade foi imbatível até o último dia de sua vida.

Mas como foi sua trajetória de Saarbrucken, onde nasceu, até Genebra, Paris e Nova Iorque, com uma interrupção de algumas décadas em São Paulo?

Fugindo do Holocausto, Hella chega em S. Paulo na adolescência, junto com o pai, Armand, a mãe, D. Margot, e um irmão Ernesto *z"l* falecido prematuramente aos 40 anos.

Em S. Paulo, fez o curso de secretariado e iniciou sua carreira trabalhando para o Dr. Hirchsberg, ligado ao *American Jewish Committee*.

Voltando atrás uma década, vejo ainda agora uma cortina de veludo vermelho que se erguia onde Hella Moritz, vestida de azul celeste rendado, participava do "Malade Immaginaire" de Molière. Desta vez, encantou-nos como artista humorista, representando a camareira do insuportável patrão cheio de nove horas. Foi a primeira vez que vimos a Hella, e jamais esqueceríamos da presença marcante daquela moça divertida, de gestos rápidos, que nos fez tanto rir. Moliére também teria aplaudido.

Durante vários anos, dedicou-se ao Distrito de bandeirantes Avanhandava, cujo lema era "SERVIR". Além de dirigir acampamentos e treinar chefes, imbuía-nos da importância de servir, pois Hella realizava-se servindo o próximo.

Era apreciada por todos que a conheceram. A região das bandeirantes de São Paulo também logo percebeu o alto nível

administrativo da jovem. Convidou-a então para atuar como Tesoureira Geral de um Acampamento Nacional realizado em Salvador.

De volta a São Paulo, ouvimos uma interessante fofoca de uma conselheira da Região:

"Salvador foi a única vez na história em que fechamos o caixa com saldo positivo"

Na Avanhandava, foi um dos braços direitos do igualmente dedicado casal Speyer, tanto na divisão de tarefas administrativas dos acampamentos, como na propagação da parte religiosa que certas provas exigiam. E como era culta em matéria de História Judaica também!

Tivemos a grande sorte de contar com suas originais aulas de História Judaica para a difícil prova de 1ª classe. Como estas aulas aconteciam na sua casa, depois do expediente, terminavam quando já estava escuro. Altruísta que era, fazia questão de nos acompanhar até um trecho do caminho de volta.

Certa noite, quando subíamos a Al. Joaquim Eugênio de Lima, e Hella nos entretinha com comentários hilariantes sobre a fúria dos exércitos romanos e a não menos corrupta conduta dos reis da Judéia, encontramos meu saudoso pai um pouco preocupado pela hora já avançada. Este, que tinha grande admiração por Hella, ficou muito impressionado com os comentários da mestra e logo entrou na conversa, sob o risco de chegar a hora do *shema* matutino, e nós três estarmos ainda na Eugênio de Lima discutindo.

Ofereceu-se então, para levá-la um pouco mais próximo de sua residência.

Retrucou Hella com a modéstia que lhe era característica:

"Se algum ladrão me quiser raptar, assim que chegarmos ao próximo poste de luz, serei devolvida imediatamente."

Pouco mais tarde, houve o primeiro rapto da Hella, por ninguém menos que David Shaltiel, representante diplomático de Israel no Brasil. Impressionado com seus dotes impecáveis de secretária e intérprete, este a convida para trabalhar na Embaixada no Rio de Janeiro, posto que aceitou, depois de uma histórica festa de despedida preparada por seus muitos amigos e amigas paulistas.

Em uma de suas visitas ao Rio, Golda Meir também se encantou com Hella Moritz, e a convidou para ser sua secretária particular; em Israel, naturalmente. Todavia, Hella não pôde acompanhá-la naquele momento; seu pai estava gravemente enfermo.

Anos mais tarde, quando Nahum Goldman, presidente do WJC, visitou Shaltiel, também foi testemunha do alto gabarito de Hella. Pobre Shaltiel. Sofreu o mesmo golpe que havia praticado em São Paulo, pois Goldman também a convidou para trabalhar consigo, desta vez em Genebra.

Anualmente, Hella voltava ao Brasil para visitar sua simpática mãe já idosa. Nesta época instituiu o que se tornaria o lendário "Chá da Hella", cujas primeiras edições se realizaram no apartamento da sorridente Da. Margot. Munida de lembranças para cada uma das chefes bandeirantes que ainda estavam na ativa na Avanhandava, Hella nos entretinha durante horas com seu inesgotável estoque de piadas contadas no antológico sotaque franco-alemão, além de suas múltiplas peripécias entre ministros e demais representantes do alto escalão judaico mundial.

Algumas semanas antes de sua chegada, telefonávamos umas às outras para descobrir o dia da chegada da Hella. Uma vez na posse desta valiosa informação, começavam os alegres preparativos para mais um "Chá da Hella", ocasião esta que ninguém queria perder.

Com o falecimento da Da. Margot *z"l* o apartamento de sua cunhada Elena Moritz passa a ser a nova moradia da Hella em São Paulo. Graças à sua grande hospitalidade, "os Chás da Hella" mudam não apenas de endereço. Se antes éramos brindadas com tortas de maçã germânicas deliciosas, agora a marca dos doces italianos e brasileiros não demoraram a aparecer na mesa da Elena.

E não só para chefes bandeirantes. Amigos e amigas também seriam recebidos na casa da Elena e seus filhos, genros e nora. Com justa razão, Hella tinha grande orgulho de suas sobrinhas e sobrinho que celebraram aniversários importantes da "Tia Hella" em suas floridas e acolhedoras residências. Eram de fato muito unidos.

Entretanto qual era o segredo desta senhora que conquistava todos os grupos que a ouviam falar, ou pessoas que encontrava na sua convivência diária?

Sim, era carismática, tinha um fino senso de humor, e contava piadas em oito línguas como ninguém. Bastariam estas qualidades para deixar tantas saudades?

Hella falava também uma nona língua, hoje quase extinta - aquela do coração. Não nos julgava; aceitava todos, dando sempre um espaço a quem precisasse. Foi uma verdadeira amiga.

Após quase quatro décadas no exterior, Hella resolve voltar a São Paulo para estar mais próxima da sua querida família, e nos dar mais uma chance de compartilhar de sua inesquecível presença. Talvez tenha vindo despedir-se das muitas amizades que conquistou ao longo do tempo.

De fato, em 18 de novembro do ano passado, a cortina desceu majestosamente pela última vez sobre a vida e o exemplo deixado por Hella Moritz *z"l*.

Ela já nos faz falta...

Deixou uma marca indelével em cada coração que tocou.

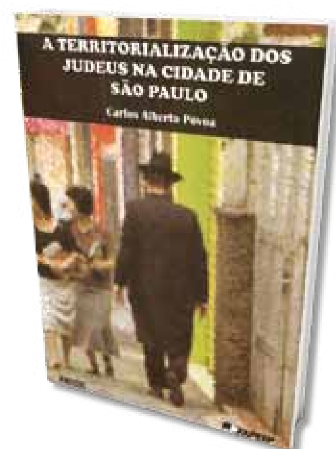
"Nascer pequeno, e morrer grande,
é chegar a ser gente." **Pe. Antonio Vieira**

FABIA TERNI LEIPZIGER é autora de livros infanto-juvenis. Manteve um elo ao longo dos anos com Hella Moritz e foi sua auxiliar e administradora quando ela assumiu a chefia das Bandeirantes (1963-I965).

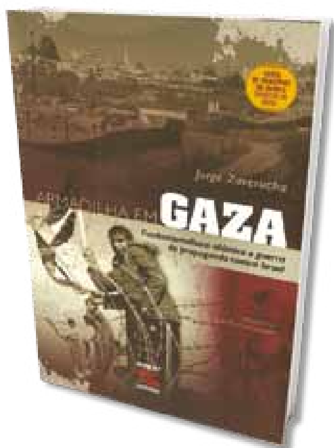
LIVROS INDICADOS



De Caesar Sobreira, "Nordeste semita. Ensaio sobre um certo Nordeste que em Gilberto Freyre também é semita", S. Paulo, Global, 2010. Vencedor da 3ª edição do Concurso Nacional de Ensaios – Prêmio Gilberto Freyre 2008/2009. "O livro de Caesar Sobreira configura-se como um amplo estudo sobre os inúmeros vestígios da cultura semita na gênese do universo histórico-cultural nordestino. Partindo de alguns textos de Gilberto Freyre, o autor revisita momentos decisivos da história do Nordeste brasileiro, pinçando aqui e ali os sinais deixados pela presença judaica na região. Neste estudo renovador que mistura história e antropologia, o leitor vislumbrará um Nordeste ainda mais rico de tradições e contradições." AUTOR: Caesar Sobreira, Doutor em Filosofia e Ciências da Educação na Universidade de Salamanca, professor de Antropologia (UFRPE).



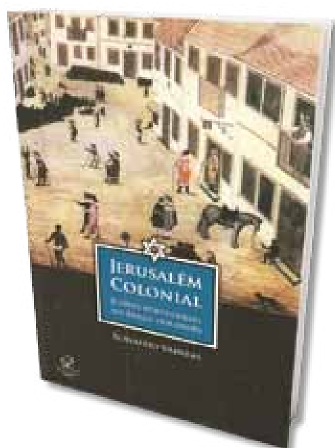
De Carlos Alberto Póvoa, "A territorialização dos judeus na cidade de S. Paulo", S. Paulo, Humanitas, 2010. "Agradeço o apoio recebido: [do] Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (...) Em sua tese de doutorado, C.A.P. pesquisa as territorialidades que *ashkenazim* e *sefaradim* construíram na capital paulista. De um lado, assinala sua atuação enquanto grupo social na transformação da provinciana cidade de fins do século XIX, na mais importante metrópole global do país; de outro, destaca que os judeus, ao contrário dos demais grupos de imigrantes estrangeiros, se singularizam por uma identidade comum, malgrado uma matriz geográfica bastante diferenciada (...)". Autor: Carlos Alberto Póvoa, Doutor em Geografia Humana (USP) e professor na UFTM (MG).



De Jorge Zaverucha, "Armadilha em Gaza. Fundamentalismo islâmico e guerra de propaganda contra Israel", S. Paulo: Geração editorial, 2010. "(...) Desafiando análises superficiais sobre o tema, o cientista político Jorge Zaverucha traça, de modo conciso e informativo, um resumo da história desses enfrentamentos, desde as primeiras migrações judaicas no século XIX para a Palestina otomana, até as sucessivas guerras que sacudiram o Estado de Israel pouco após a sua fundação, m 1948. Oferece-nos a oportunidade valiosa de enxergar o trágico conflito do Oriente Médio a partir de uma perspectiva que foge dos clichês e lugares-comuns, descortinando cenários fundamentais para a compreensão das dificuldades em atingir a paz na Terra Santa." AUTOR: Jorge Zaverucha, Doutor em Ciência Política pela Universidade de Chicago, professor (UFPE).



De Ricardo Teles Araújo, "Genealogia sergipana", vol. I, Aracaju, Typografia Editorial, 2010. "O livro trata da descendência, do major Agostinho José Ribeiro Guimarães (1808-1874), português radicado em Sergipe. Na sua farta descendência encontram-se até alguns Mifano de S. Paulo (pp. 224/5). Nossa recomendação deve-se à cuidadosa explicação do autor sobre como fazer um estudo genealógico. O capítulo chamado "Fontes documentais, padronização genealógica e origem dos nomes" (pp. 15-31) é leitura obrigatória para qualquer genealogista iniciante. AUTOR: Ricardo Teles Araújo, engenheiro e genealogista.



De Ronaldo Vainfas, "Jerusalém Colonial. Judeus portugueses no Brasil holandês", Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010. "Jerusalém Colonial nasceu de um grande desafio: da ambição de realizar uma história simultaneamente geral e antropológica. Uma história capaz de articular a dinâmica das redes comerciais sefaraditas no capitalismo comercial do século XVII e as metamorfoses identitárias – por vezes minúsculas – de cristãos-novos portugueses que "regressaram" ao Judaísmo dos ancestrais. O resultado é um livro que esmiúça fontes mal conhecidas, analisa outras pouco examinadas, reexamina documentos já comentados por outros historiadores. É uma obra que busca uma interpretação original sobre a história dos judeus portugueses no Brasil holandês." AUTOR: Ronaldo Vainfas, Doutor em História Social (USP) e professor de História Moderna na UFF.



De Marcelo Cintra de Souza, "A imprensa imigrante: trajetória da imprensa das comunidades imigrantes em São Paulo". S. Paulo: Memorial do Imigrante/ Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo, 2010. "Minucioso e amplo levantamento histórico - bibliográfico, a obra retrata os fatos e características mais marcantes da trajetória dos periódicos em língua estrangeira em S. Paulo (...). Este levantamento trata da imprensa dos italianos, japoneses, espanhóis, portugueses, árabes, judeus (páginas escritas em iídiche e em português" (pp .108-113), húngaros, lituanos, tchecos, coreanos e outras comunidades. AUTOR: Marcelo Cintra Souza.

Colaborações e artigos inéditos são muito bem vindos.

Podem ser enviados à Redação por e-mail ou CD,
em arquivos de extensão "doc"ou "txt".
As referências bibliográficas obedecem as
disposições normativas da ABNT-NBR 6023.
Fotos e ilustrações devem ser escaneadas em 300 dpi.

Apreciamos sugestões e aceitamos também críticas construtivas.
O envio é para ahjb@ahjb.com.br
O endereço do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro é
Rua Estela Sezefreda, 76 - CEP 05415-070, São Paulo - SP

DOAÇÕES RECEBIDAS DE SETEMBRO de 2010 a MARÇO de 2011

Anna Gedanken
Livros, periódicos da comunidade judaica.

Anna Rosa Campagnano Bigazzi
Material da pesquisa sobre judeus italianos e antisemitismo na Era Vargas, livro In Difesa della Razza: os judeus italianos refugiados do facismo e o antissemitismo do Governo Vargas 1938-1945, de sua autoria.

Berta Waldman
Fitas, CDs e transcrições sobre a pesquisa do livro O Teatro Iídiche em São Paulo
Livro O comentário (Pesher) de Habacuc: A comunidade de Qumram reinterpreta o passado.

Boruch Fajnzylber
Periódicos.

Carlos Alberto Póvoa
Livro A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo, de sua autoria.

Centro de Documentação e Pesquisa Histórica do Dpto de História da Universidade Estadual de Londrina
Dissertação de Mestrado Narrativas e Lágrimas: A questão dos ressentimentos e a imigração alemã-judaica para Rolândia PR (1938-1981), de Valdir Pimenta dos Santos Junior.

Ciro Bernarco Cuschnir
Documentos, fotos de Marco Levy (CP 0129).

Edivaldo Boaventura
Artigos de sua autoria.

Elias Aronis
Fotos, recortes de jornais, cartas referentes à colônia de Phillipson RS (CDAP 0300).

Ernesto Strauss
04 álbuns com recortes da Crônicas Juvenis da Crônica Israelita 1956, 1957, 1960, 1962.

FISESP
Livro Armadilha em Gaza, de Jorge Zaverucha, e Cadernos CONIB, ano 1, nº 1, nov 2010.

Flora Zylberkan
Fotos de familiares e da Loja Bambini, documentos poloneses e brasileiros de sua família.

Freidi Neumark
Cópias de fotos de Freidi Neumark, com Menachen Begin e com Pelé.

Frida Lagnado
Convite e documentos referentes à comemoração dos 40 anos da imigração dos judeus do Egito na Brasil 10/11/1997 (CDAP 0301).

Hertz Uderman
Livro Os judeus no desenvolvimento brasileiro de sua autoria.

Ilda Klajman
DVD com depoimento de Golda Mordoch, fotos e documentos do Buffet Jacob.

Irene Aron
DVD Guetto e VHS The Music Survives.

Jorge Bastos Furman
Periódicos, prospectos e recortes de jornal sobre a comunidade judaica.

Lucia Chermont
Fotos de sua apresentação no IV Encontro do AHJB 2005.

Marcio Pitliuk
Livro Marcha da vida, de sua autoria.

Maria Alves Ferreira
DVDs Escolha de Sofia, A estrela Oculta do Sertão, História Oculta do 3º Reich e Amém.

Miriam Mermelstein
Declaração de bagagem na entrada ao Brasil, carteira de identidade, diploma de curso oferecido pela ORT.

Omar Molina
Publicação Jamais Esqueceremos e foto de Eli Zborowski.

Rachel Mizrahi
CD dos Anais do IV ao VII CONFARAD, prospecto do Museu do Café de Santos.

Ronaldo Meyer
Livro Zurück zuden jüdishen wurzeln de Georgina Ida Meyer – Düllmann, CD com o conteúdo do livro My Family History, de Klaus Oliver.

Câmara Brasil Israel de Comércio e Indústria
Fotos de eventos da Câmara Brasil Israel de Comércio e Indústria.

Sarina Roemer
Artigos em revistas de sua autoria, boletins, artigos sobre os judeus do Egito.

Sema Petragnani
Recortes de jornais.

Sergio Goldbaum
Exemplares do jornal Folha Israelita, clichê em iídiche e CD de fotos de Luzer Goldbaum.

Vera Helena Bressan Zveibil
Revistas, calendários, pinturas, livros dos pintores Shmuel Katz e Nair Kremer, CDs e prospectos dos pintores Alice e Erich.

PESQUISADORES DE SETEMBRO DE 2010 A MARÇO DE 2011

Ali Khan Benbassat
Pesquisa particular

Amélia Israel Benzecry
Professora

Antonio Luiz Gonçalvez Junior
Ator do Grupo Teatro Vertigem

Augusto Cesar Santana Cobra
Graduando Universidade Nove de Julho

Bruno Rafael Moddu
Escritor Garoa Ferro Roteiro

Daniel Douek
Mestrando Centro de Estudos Judaico FFLCH-USP

Danny Abensur
Graduando em Jornalismo Faculdade Cásper Líbero

Denise Sganzerla
Cineasta D'Sganzerla Produções

Diego Ures
Pesquisa particular

Dina Lida Kinoshita
Instituto Marc Chagall

Efraty Orna
Pesquisa particular

Elenita Malta Pereira
Mestranda de História UFRGS

Erez Milgron
Cineasta

Giuliana Gianoca
Pesquisa particular

Isaac Gil
Projeto de Mestrado em Jornalismo

João Luis Veranezzi Pacheco
Historiador

João Victor Gonçalves Costa
Diagramador PitCult

Luciana Gama
Doutoranda de Literatura / Universidade Hebraica de Jerusalém

Maria Alves Ferreira
Graduanda / Universidade de Santo Amaro

Melina Mester
Jornalista Keren Nehor Menachen / Ten Yad

Michael Leipziger
Rabino pós-doutorado

Michel Gherman
Historiador e coordenador acadêmico do Hillel/RJ

Nelia Rebecca Alhadeff de Carvalho
Grupo Mel e Leche/Ladino

Paulo Sérgio dos Santos Corrêa
Graduando Faculdades Integradas Coração de Jesus

Renan C. Salles
Estudante do Ensino Médio Rede Estadual

Rubens Guelman
Pesquisa particular

Vander Albuquerque M. Rodrigues
Pesquisa particular

Vladimir Silva Goldbaum
Mestre em Economia PUC/SP

Walter Faustino dos Santos
Educador Rede Pública

William Barbosa Pimentel da Silva
Estudante do Ensino Médio Rede Estadual

FOTOS VENDIDAS OU CEDIDAS

Melina Mester
Imagens da imigração judaica para o Brasil para Keren Nehor Menachen/Ten Yad

Paulo Valadares
Imagens para artigo na Revista Morashá

Stamátia Koulioumba
Pesquisa de pós-doutorado FAU/USP

O MASCATE GASKO NO JARDIM DA LUZ - ACERVO DO A H J B

APOIO



